

ROTEIRO

# *Caminho do Norte*

▲▲▲▲▲ CAMINHOS DE FÁTIMA ▲▲▲▲▲



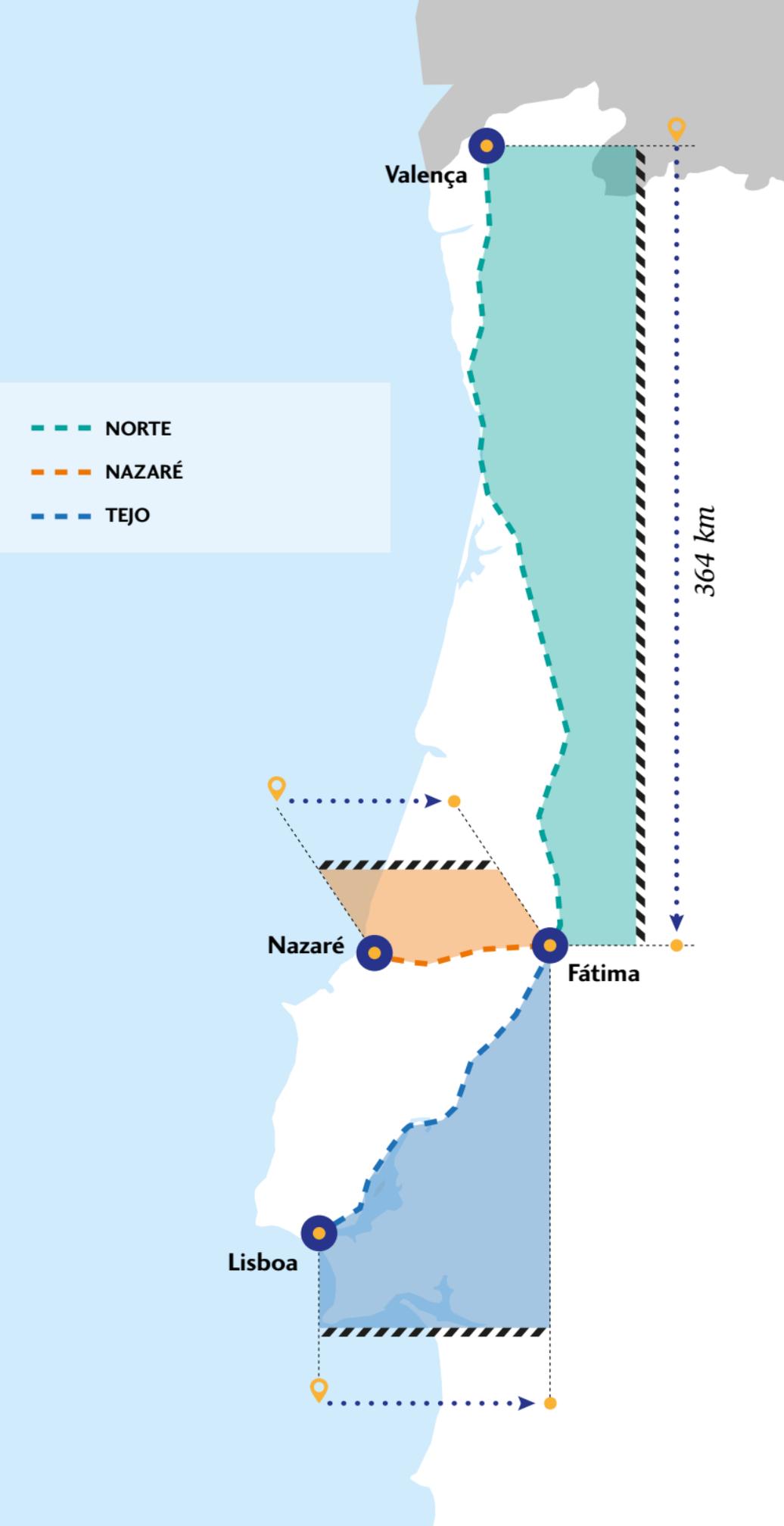


ROTEIRO

# *Caminho do Norte*

▲▲▲▲▲ CAMINHOS DE FÁTIMA ▲▲▲▲▲





**CAMINHOS DE FÁTIMA** são uma rede de **itinerários religiosos e culturais** que partem de diferentes locais e terminam no Santuário de Fátima. Proporcionam a quem os percorre uma verdadeira **espiritualidade**, em ligação com a natureza e as vivências religiosas e culturais.

Têm por finalidade criar **condições seguras e aprazíveis para peregrinos e caminhantes que se dirigem ao Santuário de Fátima**, evitando as estradas com grande circulação automóvel em favor de caminhos de terra e de pequenas estradas rurais com pouca circulação. Percorrem territórios variados, com grande interesse cultural e paisagístico, e articulam-se com outros itinerários de âmbito nacional e internacional.

Desenvolvidos pelo Centro Nacional de Cultura, os Caminhos são implementados em parceria com múltiplas instituições (autarquias, associações, organismos públicos e entidades civis e religiosas) e em articulação com o Santuário de Fátima.

Os Roteiros dos Caminhos de Fátima disponibilizam informação completa e atrativa sobre estes percursos, com destaque para a paisagem, o património, a cultura e as ambiências locais.

Estão disponíveis roteiros dos seguintes **Caminhos**: **Caminho do Tejo** (entre Lisboa e Fátima); **Caminho da Nazaré** (entre Nazaré e Fátima); **Caminho do Norte** (entre Valença e Fátima).

**PREPARAÇÃO: PLANEAMENTO E ORIENTAÇÃO** | Para percorrer os Caminhos de Fátima com os itinerários que lhe sugerimos, deve preparar a sua viagem tendo em conta as condições gerais de cada um dos Caminhos em todo o percurso e, ainda, as condições específicas de cada jornada ou etapa (caminhada de um dia). Pode também ajustar o tempo recomendado para cada Caminho e prolongá-lo, em função da sua condição física, disponibilidade e interesses.

Para além da **sinalização** no terreno, é essencial conhecer e utilizar a **cartografia** pormenorizada sobre o Caminho que pretende fazer. É um instrumento fundamental ao longo do seu percurso. Pode recolher diretamente esta informação em **[www.caminhosdefatima.org](http://www.caminhosdefatima.org)**

## SINALIZAÇÃO

As indicações que orientam peregrinos e caminhantes no percurso dos Caminhos de Fátima baseiam-se na imagem representativa e na simbólica associada à marca **Caminhos de Fátima**, que se encontra devidamente registada. A representação visual desta marca inclui um elemento essencial: a **azinheira**, local de aparição da Virgem aos pastinhos e espécie característica da vegetação e da paisagem do território onde se enquadra Fátima. Trata-se de uma árvore (*Quercus ilex rotundifolia*) que marca a paisagem de cariz mediterrânico em Portugal e que se encontra hoje protegida.

A **cor azul** é também uma componente da marca. Refere-se ao azul celeste, incorporando a dimensão simbólica de carácter religioso e, em simultâneo, a ambiência atmosférica que se experiencia diretamente no local e no espaço envolvente.



CAMINHOS DE  
**FATIMA**

Esta marca, cuja matriz inicial foi desenhada em 1996, foi atualizada em termos de comunicação em 2017, mantendo os mesmos elementos (azinheira e cor azul) e associando, de forma mais expressa, a simbólica religiosa (cruz).



religião



fátima



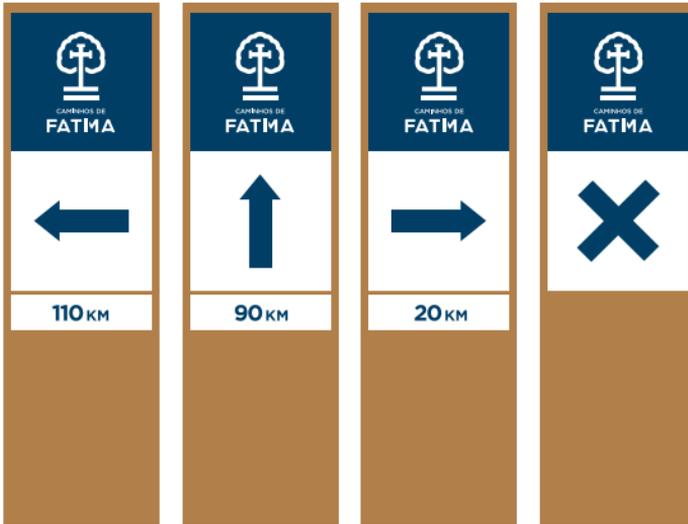
caminhos

A **senalética** existente no território onde se desenham os Caminhos inclui os símbolos da marca traduzidos na respetiva imagem com representação gráfica e cor. No entanto, até à conclusão do extenso processo de sinalização de todos os Caminhos de Fátima, no território português, pode deparar-se com os seguintes **elementos de sinalização**:

- representação da marca (desenho antigo da marca): duas azinheiras e um caminho que a elas se dirige;



- representação atualizada da marca: azinheira envolta na cruz e caminhos;



- setas azuis ao longo de todos os percursos. Estas setas azuis podem coexistir com setas amarelas, ou mesmo com a marca dos Caminhos de Santiago (representação da concha, uma vieira) em cor amarelo, uma vez que parte destes Caminhos coincide com este itinerário de peregrinação que se dirige para Santiago de Compostela, na Galiza, em Espanha;



- indicação “Caminhos de Fátima” em diversos suportes

# Roteiro

Valença ➔ Fátima



CAMINHO DE FATIMA



CAMINHO DE FATIMA



CAMINHO DE FATIMA



CAMINHO DE FATIMA



## CAMINHO DO NORTE

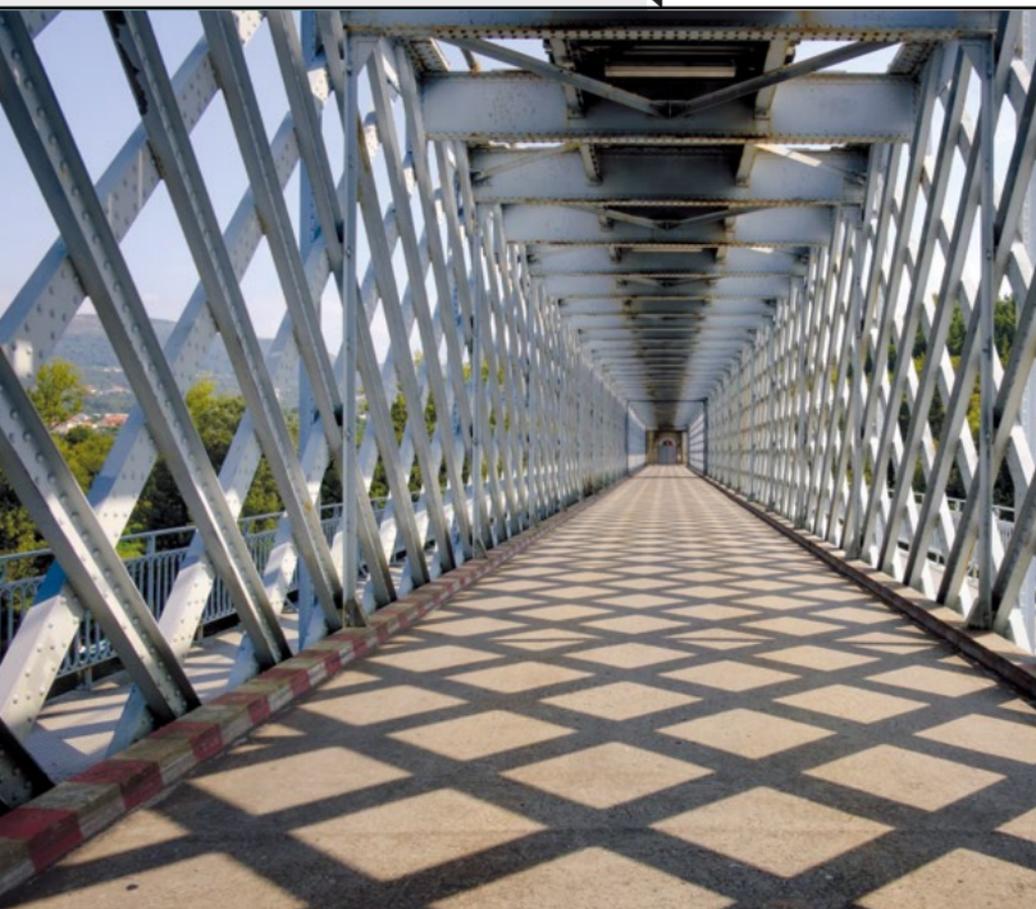
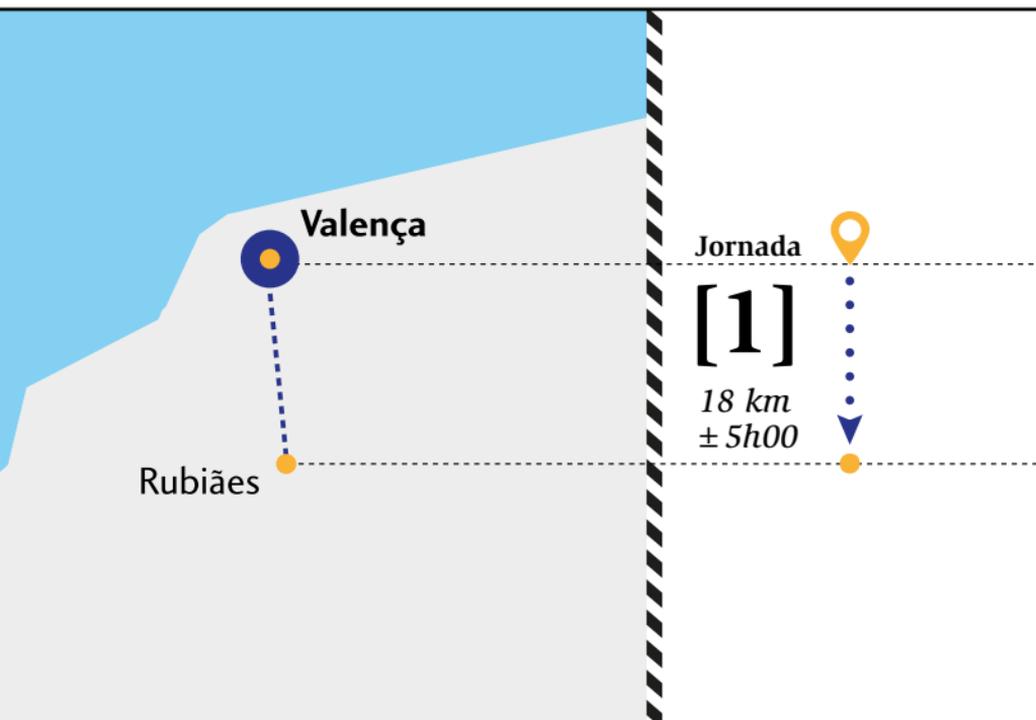
Este Caminho inscreve-se no **Norte e Centro de Portugal**. Começa em Valença, na fronteira entre Portugal e Espanha e termina no Santuário de Fátima. **Corre no sentido norte/sul**, paralelo ao mar, mas afastado para o interior. Nalguns pontos, aproxima-se mais do litoral e noutros desvia-se. Num cenário de **grande diversidade**, a paisagem natural e urbana vai-se modificando ao longo do percurso, sempre com a presença de **rios e serras** que desenham um território ancestral, onde emergem pequenas **aldeias, vilas e cidades**.

Entre o rio Minho e o Rio Douro, o cenário é verde e a brisa marítima está presente. Entre o Rio Douro e o Rio Mondego, as planícies litorâneas contrastam com o relevo do interior montanhoso. A sul do Rio Mondego a paisagem transforma-se progressivamente, até atingir o Maciço Cárstico Estremenho que configura as Serras de Aire e Candeeiros.

Ao longo do Caminho, surgem ambientes de ruralidade, urbanidade, tradição e cosmopolitismo. A **natureza é marcante** e, muitas vezes, exuberante. O **património cultural**, em todas as suas expressões, está sempre presente. As vivências locais preservam **tradições** que se manifestam no quotidiano e ganham particular dimensão em momentos festivos. O caminhante ficará a conhecer uma parte substancial da geografia, da história e da cultura portuguesa.

Este Caminho tem cerca de **364 Km** e está dividido em **17 jornadas** ou etapas, a percorrer ao longo de 17 dias. Cada uma delas tem percursos diários com extensão variável. Os percursos estão definidos em função das características geográficas, da logística de apoio a peregrinos e suas necessidades de pausas para descanso e meditação e das adequadas condições para fruição da paisagem e do património cultural.

Grande parte do Caminho do Norte coincide com o Caminho Português de Santiago.



➔ 42°2'10" N 8°38'48" W

## Jornada 1 | POR TERRAS DO ALTO MINHO

Valença ➤ Rubiães

A primeira jornada **começa na cidade de Valença**, junto à Ponte Internacional sobre o Rio Minho, no início da Avenida de Espanha e **termina na aldeia de Rubiães**, junto à Igreja românica de S. Pedro. Tem uma extensão de 18 km que podem ser percorridos em 5 horas. Com altitudes a variar entre os 10 m e os 275 m, é **uma jornada fácil e amena**. A paisagem é marcada por **matas e vales com uma vegetação abundante**, onde emergem alguns núcleos urbanos e povoados rurais. Este é o território verdejante e fértil do Alto Minho, que se estende a sul do Rio Minho e é banhado pelos seus afluentes.

➤ 42°1'57" N 8°38'47" W





➔ 41°56'46" N 8°37'47" W

Ao longo deste percurso, que passa por território dos municípios de Valença e de Paredes de Coura, é constante a presença de um **património cultural multiseccular**, onde se destacam ermidas, capelas, igrejas e mosteiros. Dentro das povoações ou dispersas na paisagem, estas **construções, moldadas em granito**, são testemunhos de uma história antiga e elementos agregadoras da vida das comunidades, onde sagrado e profano estão intimamente ligados. As tradições são reavivadas em momentos festivos, mas é permanente uma gastronomia autêntica, feita com engenho e arte, atestando a importância da cultura dos sabores.

Ao iniciar esta jornada em território português, programe o seu tempo, de acordo com as motivações e interesses.



➔ 40°43'37" N 8°28'37" W

Pode fazer uma caminhada contínua, com ligeiras paragens, prosseguindo sempre a um ritmo uniforme. Mas, também pode deter-se com alguma demora em locais específicos para contemplar aspetos da paisagem, para conhecer elementos notáveis da cultura e da natureza ou, simplesmente, para descansar.

Se a sua peregrinação se iniciar em Espanha, na Região da Galiza, em algum ponto do Caminho de Santiago, certamente fará o planeamento necessário para se integrar no Caminho do Norte, um dos itinerários que o levará ao Santuário de Fátima. A partir de Valença, existe uma **rede de albergues** e outros tipos de alojamento, devidamente assinalados.

No início do percurso, o **Rio Minho** é um elemento essencial da história e da paisagem. Marca a fronteira entre dois países, e a ponte que o atravessa foi inaugurada em 1886 para possibilitar a ligação ferroviária entre Portugal e Espanha nesta região da Galiza.

Entre no Centro Histórico da cidade, a antiga **Praça-Forte de Valença**, e descubra um valioso património histórico e artístico. A antiga fortificação medieval dos séculos XII e XIII foi ampliada e modernizada nos séculos XVII e XVIII, em pleno contexto da Guerra da Restauração, com um sofisticado sistema de baluartes, revelins e fossos.



No interior deste conjunto monumental classificado como património nacional, percorra ruas, largos e praças de uma cidade viva.

Saia da muralha e prossiga por arruamentos da zona semiurbana, até ao à rotunda da EN13, onde progressivamente se afasta do trânsito e, gradualmente, se vai embrenhando por caminhos rurais, intercalados com alguns arruamentos que atravessam lugares mais calmos e tranquilos.

Em **Arão**, povoação que no século XIII se chamava Vilar de Lamas e pertencia ao Bispado de Tui, pode observar a **Igreja Paroquial de S. Salvador**, um templo com fachada barroca do século XVIII, rematada por frontão recortado.

Ao passar em **Fontoura**, no meio de uma paisagem agrícola, destaca-se a torre da **igreja de S. Miguel**. Logo após o lugar de Fontoura, vai entrar na zona da serra, marcada por um percurso acidentado e agreste, mas também muito belo.

Prossiga até ao lugar de **São Bento** (Freguesia de Cosourado), onde pode fazer uma paragem para conhecer a **Capela de S. Bento da Porta Aberta**, um edifício do século XVIII, com torre lateral e fachada barroca.





➔ 41°56'3" N 8°34'52" W

Continuando sempre em caminhos agrícolas, começa a aproximar-se de **Rubiães**. Antes de entrar na aldeia, atravesse a **ponte medieval sobre o Rio Coura**, afluente do Rio Minho. Trata-se de uma construção gótica dos séculos XIII-XIV, cujo tabuleiro assenta sobre três arcos. Aqui, observe a paisagem e evoque a História, pois está a percorrer uma antiga via romana que, a partir da Idade Média, acolheu o Caminho de Santiago. Sempre por caminhos tranquilos, vá até ao centro da aldeia, onde um **albergue de peregrinos** (instalado no edifício de uma antiga escola primária) e a Igreja são pontos de referência.

A **igreja de S. Pedro**, que remonta aos séculos XII e XIII, encontra-se classificada como património nacional. É um notável exemplar de **estilo Românico**, de nave única. Na fachada, destaca-se o portal emoldurado por arquivoltas assentes em colunas onde se inserem representações escultóricas do Arcanjo S. Gabriel e de Nossa Senhora, verdadeiras alusões à cena bíblica da Anunciação. Os capitéis são decorados com motivos zoomórficos.

Rubiães



Ponte de Lima

Jornada

[2]

18 km  
± 5h00

➔ 41°53'48" N 8°37'28" W

## Jornada 2 | IGREJAS E SOLARES DO VERDE LIMA

Rubiães ➔ Ponte de Lima

A segunda etapa do Caminho **começa em Rubiães**, junto à Igreja de S. Pedro e **termina na vila de Ponte de Lima**, junto à Igreja de Santo António da Torre Velha no Parque do Arnado. Tem uma extensão de 18 km que podem ser percorridos em 5 horas. Tem altitudes entre os 10 m e os 400 m e uma paisagem variada, marcada por zonas de **montanha com vales, matas e planícies**, banhadas por alguns rios e ribeiros atravessados por pontes. É uma **jornada agradável e calma**, com troços muito fáceis e pequenos troços com alguma inclinação que exigem uma caminhada mais lenta.

Na primeira parte desta jornada, a Serra da Labruja é o ponto que oferece alguma dificuldade. Aqui, o percurso é sinuoso e tem algumas subidas que necessitam de mais energia. À medida que avança para sul e se aproxima do

➔ 41°53'6" N 8°37'10" W



seu destino, surgem os verdes e férteis campos das margens do Rio Lima. Nesta **diversidade**, encontrará sempre bons motivos para caminhar lentamente e fazer algumas paragens, o que lhe permite prolongar o tempo de caminhada de acordo com interesses específicos.

Ao longo deste percurso, que passa por território dos municípios de Paredes de Coura e de Ponte de Lima, a natureza vai surpreender com **cenários de grande beleza**. Do mesmo modo, as vivências locais refletem uma profunda relação com tradições ancestrais. A cada momento, surgem expressões de um **património cultural multifacetado**, incluindo vários cruzeiros, alminhas e pelourinhos. São particularmente relevantes os **solares barrocos**, grandes casas senhoriais dos séculos XVII e XVIII, muitas delas a funcionar como espaços de alojamento turístico.

Depois de sair de **Rubiães** e de percorrer um pequeno troço da N201, o Caminho embrenha-se na paisagem rural, amplamente arborizada.

Em **Agualonga**, passará a escassos metros da **Igreja Paroquial de S. Paio**, com a tradicional fachada e torre sineira, com composição e decoração barroca. Retomando o Caminho, pouco depois, ergue-se à sua direita a elegante **Capela do Carvalhido**, com campanário no remate da fachada. Passará próximo de Romarigães, e pode evocar o escritor Aquilino Ribeiro (1885-1963) e o seu romance intitulado *Casa Grande de Romarigães*.

Seguindo sempre por caminhos mistos (estrada e caminhos rurais), entra em território do **Concelho de Ponte de Lima**. Está em plena **Serra da Labruja**. Aqui, pode retemperar forças e abrandar o ritmo.

Está na **aldeia de Labruja**, banhada pelo rio com o mesmo nome, um afluente do Rio Lima. É uma povoação com raízes históricas antigas, visíveis no seu património contruído. A **Igreja Paroquial**, que apresenta fachada com torre lateral e frontão barroco recortado, emerge na paisagem com pequenos núcleos de casario simples.

Em Labruja pode demorar-se, desviando-se alguns metros do seu caminho, para conhecer o **Santuário do Senhor do Socorro**, grande edifício barroco com decoração rococó, implantado num terreiro sobre o escadório.



➔ 41° 52' 15" N 8° 36' 53" W

A fachada, ladeada por duas torres, é amplamente decorada e o contraste entre a cor branca e o granito criam uma cenografia característica do Barroco do Norte de Portugal, influenciado pela obra do arquiteto italiano Nicolau Nasoni. Este monumento, que todos os anos no primeiro domingo do mês de julho acolhe uma romaria, encontra-se classificado como património nacional.

O último troço desta jornada atravessa uma zona agrícola e rural, em território da freguesia de **Arcozelo**. No núcleo histórico desta vila, passe pela **Igreja Paroquial de Santa Marinha**, cujas origens remontam ao século XII, como atesta a fachada em pedra rematada por uma cruz. A torre lateral, tal como grande parte da decoração do interior, são obras dos séculos XVII e XVIII.

Ao seguir pelo antigo caminho rural, que hoje tem o nome de Rua das Cancelinhas, tem à sua direita a Quinta e **Casa de Pomarchão**, com a casa grande e capela inserida no conjunto monumental, classificado como património nacional. É um notável exemplar de casa-torre do século XVII, ampliada no século XVIII, com grande varanda alpendrada na fachada. A Casa de Pomarchão, classificada como património nacional, é um característico **solar barroco** e encontra-se a funcionar como alojamento turístico

Entre em **Ponte de Lima**. Seguindo pela Rua das Tojeiras e continuando pelo Caminho da Oliveirinha, che-

➔ 41°46'10" N 8°35'16" W



gará ao antigo Campo do Arnado na margem direita do Rio Lima. A **Igreja de Santo António da Torre Velha**, construída no final do século XVIII e no início do século XIX, com uma nave alongada e torre na cabeceira, é um templo de invocação mariana, implantado num antigo campo ou terreiro, mesmo à entrada da monumental ponte romana e medieval que leva ao coração do centro histórico.

Para além do característico **albergue de peregrinos**, em Ponte de Lima, tem todo o tipo de apoio logístico que necessita. No dia de chegada pode aproveitar para descansar, mas pode tirar partido das qualidades que a **paisagem natural e contruída** oferece, percorrendo as ruas, entrando em monumentos, saboreando especialidades da **gastronomia local**. Programe a visita de acordo com o tempo disponível e as motivações espirituais e culturais. Pode fazê-lo à chegada ou no dia seguinte pela manhã.

A vila histórica de **Ponte de Lima merece visita atenta**, para apreciar a extraordinária obra de arte feita pela relação entre o rio e a vila. A localização junto de antigas vias romanas e mais tarde caminhos medievais,



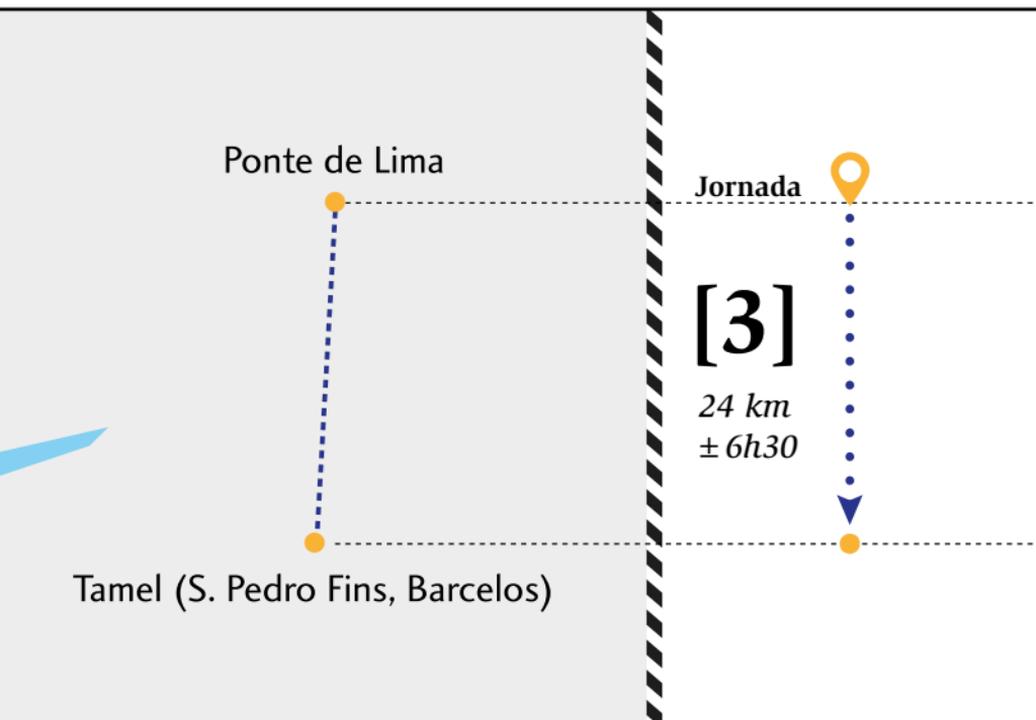
➔ 41°46'10" N 8°35'16" W

deu origem ao primeiro povoamento. Em 1125, no contexto do Condado Portugalense, a Condessa D. Teresa deu carta de foral à Terra da Ponte, que veio a chamar-se Ponte de Lima. No século XIV, o rei D. Pedro I mandou contruir as muralhas, pontuadas por torres defensivas. Nesta época era já um dos mais importantes povoados dos Vale do Lima e um local de paragem e apoio aos peregrinos do Caminho de Santiago.

O traçado urbano e o **conjunto edificado** apresentam fisionomia de modelo medieval, monumentalizada no século XVIII ao gosto do Barroco. No domínio da arquitetura religiosa, são particularmente relevantes a **Igreja Matriz** (românico gótica), a **Igreja da Misericórdia** (destaque para a talha e a decoração do interior), a antiga **Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco** (imponente conjunto barroco, onde se encontra instalado o museu) e a já referida Igreja de Santo António da Torre Velha. No que reporta ao património urbano e à arquitetura civil, para além do conjunto histórico e vestígios das muralhas que o protegem, destacam-se o **Pelourinho**, o edifício dos **Paços do Concelho**, o **Chafariz**, a já referida **ponte sobre o Lima** (classificada como monumento nacional) e várias **casas nobres e solares** no centro da vila e na sua envolvente. No que diz respeito ao **valioso património imaterial**, lembramos a **cultura dos sabores** (doçaria, gastronomia e vinho verde), sem esquecer as **festas e romarias tradicionais** que ocorrem particularmente no Verão.

➔ 41°46'9" N 8°35'10" W





➔ 41°45'45" N 8°35'30" W

### Jornada 3 | ANTIGAS ROTAS DE PEREGRINAÇÃO

Ponte de Lima ➔ Tamel  
(S. Pedro Fins, Barcelos)

A terceira etapa do Caminho **começa em Ponte de Lima**, junto da Igreja de Santo António da Torre Velha no Parque do Arnado e **termina em Tamel** (S. Pedro Fins, Barcelos), junto da Igreja Paroquial. Tem 24 km de extensão e inclinações suaves, com altitudes que oscilam entre os 9 m e os 194 m. O **grau de dificuldade é de nível médio**. E pode ser feita em cerca de 6h e 30m. Percorre essencialmente **zonas rurais e agrícolas**, com algum enquadramento urbano. Assim, esta jornada é bastante tranquila, proporcionando uma **caminhada cheia de paz e sossego**.

Ao longo deste dia, passará por território dos municípios de Ponte de Lima e de Barcelos, onde o traçado do Caminho de Fátima coincide com antigas rotas de peregrinação, com destaque para o Caminho de Santiago.

➔ 41°43'18" N 8°37'19" W



O território a Sul do Rio Lima apresenta um cenário onde geografia e história se interligam. A **relação com a natureza é preponderante** na fisionomia da paisagem natural e humanizada. A água abunda nas veigas ribeirinhas, pontuadas por pequenos povoados agrícolas.

Junto das aldeias, mas também ao longo dos velhos caminhos, erguem-se **igrejas, capelas e mosteiros antigos**, onde a austeridade do Românico, concebida pelo labor dos mestres construtores dos séculos XII e XIII, convive com a exuberância das artes do Barroco, criada por arquitetos e entalhadores dos séculos XVII e XVIII.

Depois de sair de **Ponte de Lima**, o Caminho segue paralelo à margem sul do Rio Lima, por um passeio arborizado e continua pela ecovia.

Não deixe de observar, à sua direita, a **Igreja de Nossa Senhora da Guia**, classificada como património nacional. Trata-se de um templo de invocação mariana, mandado construir nos séculos XVII e XVIII por uma confraria formada por devotos e comerciantes de Ponte de Lima, no local de uma antiga gafaria, para apoio a peregrinos.

➔ 41°40'57" N 8°37'4" W



➔ 41°42'23" N 8°37'25" W



A fachada é composta por uma galilé e rematada por uma composição barroca onde se insere um nicho com a escultura da Virgem. A torre, também de expressão barroca, inscreve-se na cabeceira da igreja. No interior, destaca-se o conjunto decorativo barroco, formado por painéis de azulejos, altares de talha, pintura sobre caixotões e decoração em estuque.

Saindo da ecovia, o percurso vai infletir para sul, afastando-se das veigas ribeirinhas. Aqui, a pequena **Capela de Nossa Senhora das Neves** com o seu alpendre oferece abrigo e acolhimento a peregrinos e caminhantes. A toponímia local lembra que estamos no antiquíssimo Caminho de Santiago.

Continuando por uma paisagem predominantemente rural, em **Arribão**, passará junto da **Capela de S. Sebastião** com o característico alpendre na fachada. Ao longo de todo o percurso, erguem-se quintas antigas, com as suas características casas ou solares.

Atravesse a N204 e entre em **Vitorino dos Piães**, onde pode observar a **Igreja Paroquial de Santo André**. Implantada sobre um pequeno escadório, apresenta uma

fachada simples, com portal encimado por um óculo e torre lateral de remate barroco.

Continuando por caminhos estreitos, que bordejam campos cultivados, junto da pequena **Capela de S. Sebastião**, construída em pedra, atravesse novamente a N204 e prossiga pela Rua do Cambado.

Pouco tempo depois, estará no território da freguesia de **Balugães**, no Concelho de Barcelos. Aqui, pode conhecer a **Igreja Paroquial de S. Martinho**, com alpendre na fachada, óculo recortado e pequeno campanário, cuja origem remonta ao século XII. Se o seu interesse o motivar, pode interromper o percurso e fazer uma pequena caminhada de cerca de 800 metros, para visitar o **Santuário de Nossa Senhora da Aparecida**, um dos grandes centros de culto mariano e de romaria no norte de Portugal, cuja história se liga à aparição da Virgem a um pastor.

Deixando o núcleo urbano da aldeia, siga por áreas campestres e atravesse a ponte sobre o **Rio Neiva**, continuando pelos campos aprazíveis da margem sul, que faziam parte das **antigas Terras do Neiva**.

Depois de passar em Aborim, irá chegar a **Tamel (S. Pedro Fins, Barcelos)**, onde encontra, primeiro, o acolhedor **Albergue de Peregrinos A Recoleta** e, depois, a **Igreja Paroquial de S. Pedro**. Pode pernoitar no albergue ou continuar durante mais 5 km até Barcelos, onde tem vários tipos de alojamento.

➔ 41°36'58" N 8°38'19" W



Tamel (S. Pedro Fins, Barcelos)



São Pedro de Rates

Jornada

[4]

26,5 km  
± 6h30



➔ 41°31'59" N 8°37'7" W

## Jornada 4 | VIAS ROMANAS E CAMINHOS MEDIEVAIS Tamel (S. Pedro Fins, Barcelos) ➔ São Pedro de Rates

A quarta etapa do Caminho **começa em Tamel (S. Pedro Fins, Barcelos)**, junto da Igreja Paroquial e **termina em Rates** junto da Igreja de S. Pedro. Tem 26,5 km de extensão, com altitudes a variar entre os 15 m e os 185 m e com um grau de dificuldade **fácil**. Pode ser percorrida em cerca de 6h e 30m.

Ao longo deste dia, passará por território dos municípios de Barcelos e de Póvoa do Varzim, seguindo, muitas vezes, por antigas vias romanas e caminhos medievais, que estiveram na base do povoamento deste território e garantiram a sua ligação com o exterior. À semelhança da etapa anterior, grande parte do percurso segue por **estradas locais e caminhos rurais** que bordejam os campos com pequenas aldeias dispersas e atravessam núcleos urbanos históricos.

Sugerimos que **organize o seu dia em duas fases**: uma primeira caminhada, pela manhã, até ao Rio Cávado, onde fará uma paragem na cidade de Barcelos;



➔ 41°27'59" N 8°38'10" W



➔ 41°27'30" N 8°38'38" W

e uma segunda caminhada a partir daqui até ao fim do se dia de peregrinação. O rio foi estruturante na configuração da paisagem natural e urbana, e é hoje um elemento marcante neste percurso. Recomenda-se a paragem em Barcelos, a cidade sobre o rio que, sendo uma urbe, é calma e de grande beleza. Oferece-lhe um cenário extraordinário, onde natureza e a história se harmonizam.

Durante o percurso desta jornada, pode observar um **património cultural rico e variado**, formado por igrejas, capelas, pontes, fontes de água, cruzeiros, alminhas e pelourinhos. Mas pode também conhecer **vivências tradicionais** que se mantêm no quotidiano das comunidades e ganham particular expressão em momentos festivos. Não deixe de saborear as **especialidades gastronómicas** que a terra oferece e o labor humano enriquece.

Saia de Tamel, caminhando em direção a sul, pelo mesmo percurso do Caminho de Santiago que corre em sentido contrário. À sua volta tem campos cultivados e manchas de arvoredo. Pontualmente surgem povoados das freguesias rurais do Município de Barcelos, como Lijó e Vila Boa, onde tem alguma logística de apoio.

Ao chegar à periferia urbana de **Barcelos**, ultrapasse a via circular e dirija-se ao centro da cidade. Aqui, junto ao **Largo da Porta Nova**, encontra-se a **igreja do Bom Jesus da Cruz**, um templo barroco do século XVIII,

➔ 41°31'54" N 8°37'9" W



com planta centralizada, da autoria do arquiteto João Antunes, mestre das obras reais. Em frente, ergue-se o **Chafariz barroco**, proveniente de um antigo convento.

A toponímia (Largo da Porta Nova) e a evidência da **Torre Medieval**, assinalam a antiga muralha do século XIV, que protegia Barcelos. Entre na área nobre da urbe medieval, passe depois pela **Igreja de S. Francisco**, com portal gótico na fachada.

Dirija-se à frente ribeirinha, onde se ergue o **conjunto monumental** formado pela **Igreja Matriz**, pelo **Paço dos Condes** de Barcelos e pelo **Cruzeiro** do Senhor do Galo, valioso património histórico e artístico construído, durante a Idade Média, na zona nobre do castelo, junto do percurso do Caminho de Santiago, onde Barcelos era ponto de passagem e de paragem. A igreja, contruída no século XIV, tem fachada gótica com portal ladeado por contrafortes, encimado por uma elegante rosácea. O interior, de três naves, apresenta sistema construtivo gótico, revestido por painéis de azulejos do período barroco, introduzidos no século XVIII.



Ao lado da Igreja, o **Cruzeiro do Senhor do Galo** é um monumento emblemático da história da cidade, ligado ao culto de Santiago. Integra representações que evocam **memórias e lendas da tradição jacobea**. Os elementos escultóricos são alusivos a cenas da vida de Cristo, S. Bento, Santiago e Nossa Senhora. No contexto de outros elementos simbólicos, como o sol e a lua, está a figura de um homem enforcado. No remate do cruzeiro, entre o enforcado e a cruz, emerge a figura de um galo.

Esta iconografia remete-nos diretamente para a **lenda do galo**, inspirada num um dos milagres atribuídos a Santiago. Evoca milagre que o santo concedera a um jovem peregrino, que fora injustamente acusado num albergue, onde pernoitara e fora enforcado na forca pública. Uma das versões mais populares acentua que, quando os pais foram ao local da forca para recolher o corpo do filho morto, o encontraram vivo. Dirigindo-se ao juiz para que este o libertasse, o magistrado mostrou-se incrédulo dizendo que o libertaria se o galo que estava a servir-lhe de refeição voltasse a cantar, o que na realidade aconteceu.

Transformada ao longo dos séculos, **a lenda do galo tem lugar na arte**, através de obras de pintura e escultura em igrejas de várias cidades da Europa, contruídas ao longo do Caminho de Santiago. Em Portugal, a representação do Galo foi apropriada, tanto pela **cultura popular** como pela **arte erudita**. O artesanato é rico na sua expressão cromática e formal. Uma visita ao **Museu da Olaria de Barcelos** mostra a riqueza e variedade criativa deste e outras temáticas na cerâmica tradicional. Rosa Ramalho, Júlia Cota e tantos outros **artesãos**, têm as suas obras no Museu. Mas, pode encontrar muitos artesãos que vendem as suas no mercado semanal que se realiza sempre à quinta-feira no antigo Campo da Feira.

Mas também a **arte moderna** e contemporânea se interessou pelo tema do **Galo de Barcelos**. **Sónia Delaunay** (1886-1979), que tanto se identificou com o cubismo de Picasso, ao residir no norte de Portugal, durante os anos da Primeira Guerra Mundial, deixou-se fascinar





pela luz e pela cor, mas também pelo movimento e vibração das feiras, onde os artesãos vendiam as suas obras. Esta pintura inclui a representação do Galo de Barcelos em desenhos e gravuras. Do mesmo modo, **Tomaz de Mello** (1906-1990) incorporou a iconografia do galo em algumas das suas obras. A artista plástica contemporânea **Joana de Vasconcelos** (n. 1971) interpretou o tema numa das suas obras de referência e trouxe o Galo para o espaço público em contexto urbano.

Atravesse o **Rio Cávado**, caminhando sobre a **ponte medieval**, construída no século XIV. Em **Barcelinhos**, logo à saída da ponte, pode ver, à sua esquerda, a **Capela de N. S.<sup>a</sup> da Ponte** rodeada por uma galeria coberta, cuja origem remonta ao século XIV.

O Caminho segue pela N306, já com algum movimento, até ao local da **Pedra Furada**, onde abandona a estrada e continua por caminhos rurais e estradas locais, mais apropriados à peregrinação.

Entrará em território do Município de Vila do Conde pela freguesia de Rates, destino final desta jornada. Na aldeia de **Rates**, os principais elementos de referência são o albergue de peregrinos (Rua de Santo António) e a **Igreja Paroquial de S. Pedro** (Rua Dr. Manuel Monteiro/Largo do Conde D. Henrique). A igreja é um monumento da arte românica, com três naves. Na fachada de pedra, reforçada por contrafortes, destaca-se o portal decorado com esculturas no tímpano, nas arquivoltas e nos capitéis.

São Pedro de Rates



Vairão

Jornada

[5]

13,5 km  
± 4h30



➔ 41°25'28" N 8°40'19" W

## Jornada 5 | MEMÓRIAS DO CONDADO PORTUCALENSE

Rates ➤ Vairão

A quinta etapa do Caminho **começa em Rates**, junto da Igreja Paroquial de S. Pedro e **termina em Vairão**, junto do Mosteiro de S. Salvador. Tem uma extensão de 13,5 km, que podem ser percorridos em 4h e 30m, ao longo de um percurso quase sempre plano, com altitude máxima de 106 m, que se pode classificar **fácil**. Poderá caminhar com serenidade e fazer uma observação mais atenta da realidade que o envolve e interagir com os residentes. Assim, recupera forças e prepara-se para as jornadas seguintes que são mais intensas.

Ao longo deste dia, passará por território dos municípios de Póvoa do Varzim e de Vila do Conde, cuja história está profundamente associada a memórias do Condado Portucalense e, por conseguinte, às origens e formação de Portugal. A **paisagem verdejante** é marcada por campos cultivados, onde abunda a água, junto dos quais se formaram pequenos povoados rurais, onde a vida é tranquila. O Rio Ave tem uma presença marcante, fazendo a ligação entre o litoral e o interior.



➤ 41°23'30" N 8°40'5" W

O património local é formado por **conjuntos edificados harmoniosos** e bem preservados, que se ergueram em terras senhoriais e domínios monásticos. A toponímia preserva nomes antigos. As tradições são marcadas pelos rituais ligados à agricultura e ao calendário religioso. As **festividades** exprimem a profunda ligação entre sagrado e profano.

Ao sair de Rates, por arruamentos e caminhos que atravessam campos e aldeias, entrará em território da Freguesia de **Arcos** no Concelho de Vila do Conde. Ao passar pela **Igreja Paroquial** de S. Miguel, implantada no adro que se abre sobre escadório, observe a fachada clássica, com a sua torre sineira, revestida por azulejos de padrão geométrico. Em frente, ergue-se a **Quinta de S. Miguel de Arcos** com elementos barrocos na fachada.

Seguindo caminhos campestres, ladeados por algumas casas, aproxima-se do **Rio Ave**, onde a natureza é sublime. Em **Bagunte**, a travessia é feita pela ponte medieval, conhecida como **Ponte de D. Zaimeiro**. Sobrepõe-se a uma antiga ponte romana e destaca-se pela elegância dos arcos de volta perfeita que suportam o tabuleiro. Detenha-se para observar as antigas azenhas.

➔ 41°21'3" N 8°40'54" W





➔ 41°19'58" N 8°40'8" W

Continuando para sul, avance lentamente por arrua-mentos com algum trânsito, passando por lugares da fre-guesia de Macieira da Maia, até chegar a **Vairão**, junto do **Mosteiro de S. Salvador**, onde o **albergue de peregrinos** e a **Igreja Paroquial**, instalados no edifício monástico, o acolhem.

O **Mosteiro**, cujas origens remontam ao período do Condado Portucalense, foi ampliado ao longo dos tempos. Começou por ser um pequeno ermitério em Terras do Ave. Em 1126, tornou-se uma comunidade feminina, gover-nado por uma abadessa. Em 1141, D. Afonso Henriques

➔ 41°25'24" N 8°40'21" W



reconheceu o pequeno ermitério que seguia a regra de S. Bento e deu-lhe Carta de Couto. Abrangido pelo processo de extinção das ordens religiosas em 1834, deixou de funcionar como comunidade monástica, quando morreu a última freira em 1891. O conjunto tem uma escala monumental. É um exemplar de arquitetura religiosa monástica dos séculos XVI, XVII e XVIII, com igreja, claustro e dependências ligadas à vida conventual. No interior da **Igreja**, destaca-se a **Capela de S. João Batista**, construída no século XVI, com abóbada de ogivas e ornamentada com um retábulo de talha maneirista do século XVII e revestimento de azulejos de padrão.

➔ 41°23'47" N 8°39'59" W



Vairão



Porto

Jornada

**[6]**25,5 km  
± 6h30

➔ 41°10'4" N 8°37'31" W

## Jornada 6 | CIDADES E VILAS DO GRANDE PORTO

Vairão ➤ Porto

A sexta etapa do Caminho **começa em Vairão**, junto do Mosteiro de S. Salvador e **termina na cidade do Porto**, junto da Sé. Trata-se de um traçado plano, com uma extensão de 25,5 km e altitude máxima de 116 m e pode ser percorrido em 6h e 30m. Embora a planimetria do terreno não apresente grandes elevações, trata-se de um **percurso predominantemente urbano**, com **grau de dificuldade médio**, pelo que se recomenda uma caminhada atenta, sobretudo na travessia de ruas onde a circulação automóvel existe.

Ao longo deste dia, passará por território de municípios da área metropolitana do Porto, como Vila do Conde, Maia, Matosinhos e Porto. A paisagem é variada, com ambientes de **ruralidade e de urbanidade**. À medida que se avança para sul, o povoamento é mais denso e a urbanidade mais visível. Ao longo de todo o percurso dispõe de logística de apoio, para fazer pequenas pausas.

Durante a sua caminhada pode conhecer elementos essenciais do **património construído**, que marcou a história e o desenvolvimento do território. Igrejas, mosteiros, museus, conjuntos arquitetónicos e núcleos urbanos preservam e valorizam **memórias da história antiga**, mas também expressões da **criatividade cultural e artística** de épocas mais recentes. Terá à sua disposição referências de uma cultura urbana ativa.

Ao sair de Vairão, continuará durante algum tempo pelo território de várias freguesias do concelho de Vila do Conde. Passará junto do **Museu Agrícola Entre Douro e Minho** (dedicado à paisagem e à vida rural do Minho) e da pequena **Capela de Santo Ovídeo**.

Em **Gião**, destaca-se a **Igreja Paroquial**, cuja fachada se caracteriza pelo revestimento de azulejos. No adro, ergue-se um cruzeiro tradicional.

Entre no Concelho da **Maia** pela Freguesia de Moreira, onde se ergue o **Mosteiro do Divino Salvador de**

**Moreira**, um edifício conventual, construído nos séculos XVI e XVII, com uma imponente fachada maneirista. A capela-mor, com retábulo barroco de talha dourada, é revestida por azulejos de padrão, azuis e amarelos. No interior, a capela mor apresenta altar em talha barroca e revestimento de azulejos. Depois de um pequeno troço por estradas nacionais (N13 e N107) seguirá pela Rua Ponte de Moreira que atravessa sobre o **Rio Leça**.

Continuando sempre na mesma direção, e com o mesmo cenário urbano, o percurso segue pela Rua do Araújo, já em território do Município de Matosinhos. Nesta mesma rua, ergue-se a **Igreja Paroquial de S. Pedro de Araújo**. A fachada tem elementos barrocos e uma grande torre lateral.

Seguindo pela Rua de Gondival, está em **Leça do Balio**, cuja história está ligada ao período da reconquista cristã e da fundação de Portugal. O **Mosteiro de S. Salvador** é o monumento de referência. Fica na Rua Santos Lessa, muito próximo da margem do Rio Leça. Para o visitar, terá de desviar-se do Caminho e percorrer uma distância aproximada de 700 m. Do conjunto monástico que pertenceu à Ordem Militar dos Hospitalários, preserva-se a igreja de três naves, com elementos construtivos de tipo românico e gótico. Trata-se de uma igreja-fortaleza. Na fachada, ergue-se uma grande torre semelhante às torres de menagem dos castelos e todo o exterior do templo apresenta elementos comuns à arquitetura militar. Para além do valor arquitetónico e artístico, é também um lugar de memória associado a figuras históricas. Aqui se realizou o casamento do Rei D. Fernando com D.<sup>a</sup> Leonor Teles. Nas imediações, fica a Quinta do Chantre com o seu imponente palácio barroco do século XVIII, atribuído ao arquiteto italiano Nicolau Nasoni.

Se visitou o Mosteiro, deve voltar à Rua de Gondival que se prolonga sucessivamente por uma sequência de vias urbanas. Entre na cidade do **Porto**, onde prosseguirá no mesmo sentido.

Da Rua do Monte de Burgos passará à Rua do Carvalhido que se abre na Praça do Exército Libertador, onde se ergue a **Igreja Paroquial do Carvalhido**, com



fachada barroco-rococó do século XVIII, completamente revestida por composições de azulejos decorativos e historiados, em azul e branco.

Siga pela Rua 9 de Julho até ao Largo da Ramada Alta e continue pela rua Barão de Forester e depois pela extensa Rua de Cedofeita, até à Praça de Carlos Alberto. No cruzamento com a Rua do Carmo, observe o conjunto formado pelas duas igrejas barrocas: **Igreja do Carmo e Igreja da Ordem Terceira**.

Está no **centro da cidade**, onde se ergue um património histórico e artístico, contruído ao longo de séculos. Junto do Jardim da Cordoaria, ergue-se o edifício neoclássico da Reitoria da Universidade, obra projetada no século XVIII pelo arquiteto Carlos Cruz Amarante. Em frente, a **Igreja dos Clérigos**, com a sua grande torre barroca, é obra notável, projetada e construída no século XVIII pelo arquiteto italiano Nicolau Nasoni.

Siga pelo emaranhado de ruas antigas e suba ao **Terreiro da Sé**, terminando junto da **Sé**, cuja origem remonta ao século XII. O monumento merece visita atenta, tal como o **Paço Episcopal**. Do alto do Terreiro da Sé,



➔ 41°08'33.7"N 8°36'43.0"W

vislumbra-se toda **cidade implantada junto ao Rio Douro**, com o seu rio e os seus bairros, construídos nas encostas e espraiados pela frente ribeirinha. A beleza e o valor cultural da cidade estiveram na base da classificação do Centro Histórico do Porto como **Património Mundial da Humanidade**.



Porto

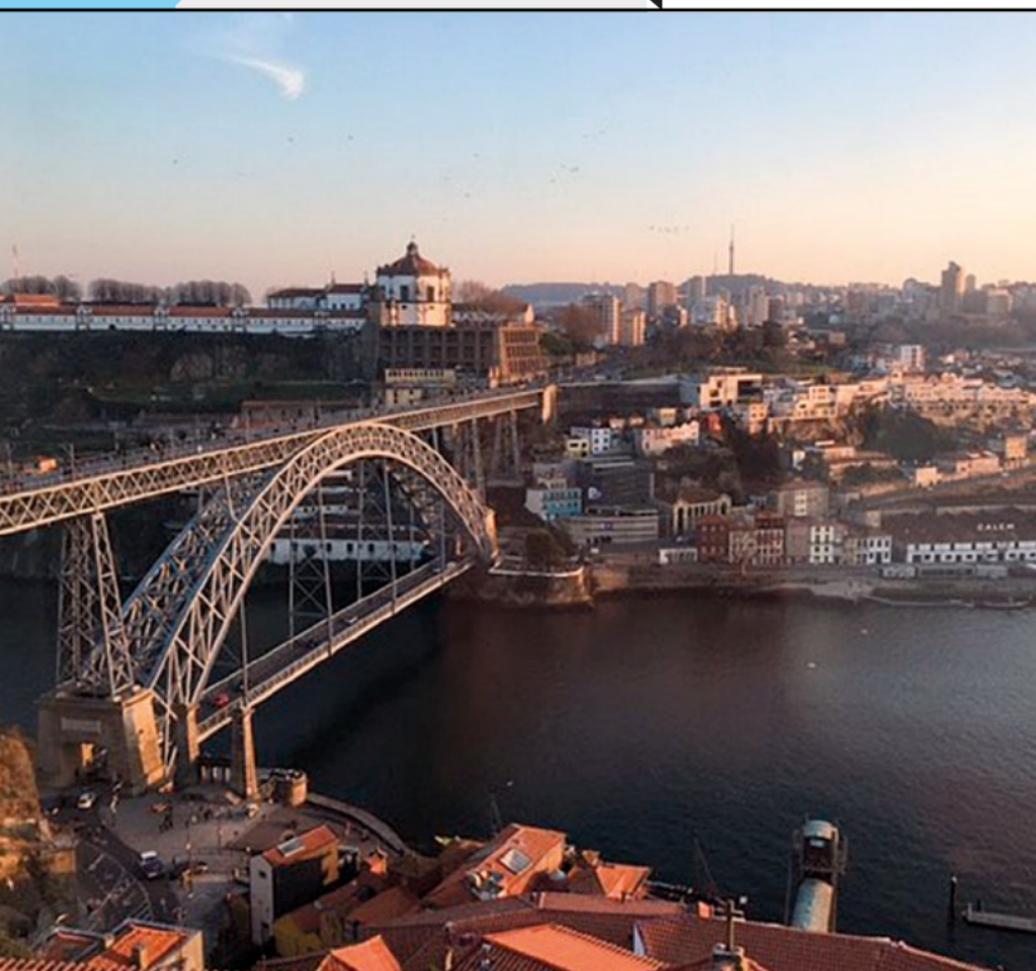


Lourosa

Jornada



[7]

23 km  
± 6h30

## Jornada 7 | ATRAVESSANDO O RIO DOURO

Porto ➤ Lourosa

A sétima etapa do Caminho **começa no Porto**, junto da Sé e **termina em Lourosa**, junto da Capela de S. Miguel (também conhecida por Capela da Feira dos Dez), no Largo da Feira dos Dez. Tem 23 km de extensão, que podem ser percorridos em 6h 30m, ao longo de um percurso pouco acidentado, com altitudes a variar entre 2 e 238 metros. É uma jornada fácil. Insere-se num **contexto diversificado**. No início, o cenário é predominantemente urbano, pelo que se recomenda a devida atenção e segurança para uma **caminhada agradável**.

Durante esta jornada, o Caminho **atravessa o Rio Douro**, passando por território dos municípios do Porto, Gaia e Santa Maria da Feira, que fazem parte da Área Metropolitana do Porto. Ao longo de todo o percurso, encontra logística de apoio para caminhantes e peregrinos.

➤ 41°8'33" N 8°36'45" W





► 41°8'18" N 8°36'32" W

Muitos são os motivos que suscitam contemplação. A Natureza proporciona momentos de grande beleza. A passagem sobre o **Rio Douro** é inesquecível e a travessia da **Serra de Negrelos** é reconfortante. O Património Cultural apresenta **monumentos e museus** que atestam o valor da história e a dinâmica contemporânea. Para que possa conhecê-los, recomendamos que programe o seu dia, de modo a fazer **paragens para observação e deleite**. Pode mesmo organizar o seu percurso em duas partes, fazendo de Grijó o ponto intermédio.

Antes de sair do **Terreiro da Sé**, no alto da colina, a que os moradores chamam Morro da Sé, observe a **magnitude da paisagem** natural e construída, nas duas margens do rio, que foi e é um elemento marcante da história e da geografia da região e do país. Na margem norte, ergue-se a cidade do Porto. Na margem Sul, a cidade de Vila Nova de Gaia, ou, simplesmente, Gaia. O conjunto monumental formado pelo Centro Histórico do Porto, Ponte D. Luís I e Serra do Pilar, foi classificado como **Património Mundial** pela Unesco em 1996.

Em ambas as **margens do Douro**, os antigos núcleos ribeirinhos, com o seu património construído ligado à **vida portuária e comércio do Vinho do Porto**, encontram-se reabilitados e são atualmente áreas urbanas de cosmopolitismo, cultura e lazer.

Desça a encosta até ao Cais da Ribeira e prepara-se para uma experiência inesquecível. Entre na zona pedonal do tabuleiro da **Ponte D. Luís I**, exemplar da arquitetura do ferro. Projetada pelo engenheiro alemão Théophile Seyrig (1843-1923) e construída pela empresa belga Societé Willebroeck, foi inaugurada em 1886, para unir as duas margens do Rio Douro.

Em **Gaia**, siga pela Avenida da República. Do lado esquerdo, sobre uma colina, a que se acede por uma rampa com alguma inclinação, ergue-se o **Mosteiro da Serra do Pilar**, um conjunto arquitetónico dos séculos XVI, XVII e XVIII, construído pelos monges da Ordem de Santo Agostinho. O monumento merece visita, pela igreja de planta centralizada e claustro circular. Mas, o panorama que se vislumbra do **Miradouro da Serra do Pilar**, onde se enquadra o mosteiro, é surpreendente. Daqui se observa toda a extensão da cidade do Porto, sobre o Douro.

➔ 41°08'33.7"N 8°36'43.0"W



Continuando pela extensa **Avenida da República**, verá alguns exemplares da Arte Nova, com destaque para a antiga Casa Barbot (atualmente Casa da Cultura) e o edifício da Câmara Municipal. Bem perto, pode conhecer a Casa-Museu Teixeira Lopes, que foi habitação e atelier do escultor António Teixeira Lopes (1866-1942) e é hoje um espaço museológico de referência.

Na **Rotunda de Santo Ovídeo**, atravesse para a Rua Soares dos Reis e continue até ao final da Rua Fonte dos Arrepêditos, onde, depois de atravessar o IC2, o caminho prossegue pela Rua Alto das Torres e outros arruamentos que sucessivamente se continuam, agora por uma paisagem urbana mais calma.

Na proximidade da **Serra de Negrelos**, a paisagem vai-se alterando, com zonas verdes e algumas subidas, até chegar ao Alto da Serra, onde dominam extensas manchas de floresta, constituídas por pinheiros, carvalhos, castanheiros e sobreiros. A natureza abriga uma fauna característica, formada por gaviões, raposas, coelhos, e diversas espécies de águias e corujas.

Em **Perosinho**, encontra a **Igreja Paroquial** (Rua da Igreja), um edifício com fachada clássica e torre lateral com remate barroco.

Depois de Sermonde, chegará a **Grijó**, onde pode fazer uma pausa junto do **Mosteiro de S. Salvador do Mundo**. Depois da existência de um primeiro núcleo monástico do século X, a comunidade de eremitas da Ordem de Santo Agostinho, construiu um novo mosteiro. A igreja e o claustro datam dos séculos XVI e XVII e são exemplares do classicismo maneirista. A fachada da igreja tem uma escala monumental. O interior do templo e o claustro apresentam revestimento de azulejos e altares de talha. Destaca-se o Túmulo de D. Rodrigo Sanches, ilustre cavaleiro, filho bastardo do Rei D. Sancho I e de Maria Pais Ribeira, conhecida como a Ribeirinha. Trata-se de uma obra excepcional da escultura tumular gótica, com estátua jacente sobre a arca tumular e elementos figurativos e naturalistas nas faces da arca.

Depois do Mosteiro, o Caminho prossegue até às **Alminhas do Senhor do Padrão**, onde continua pela



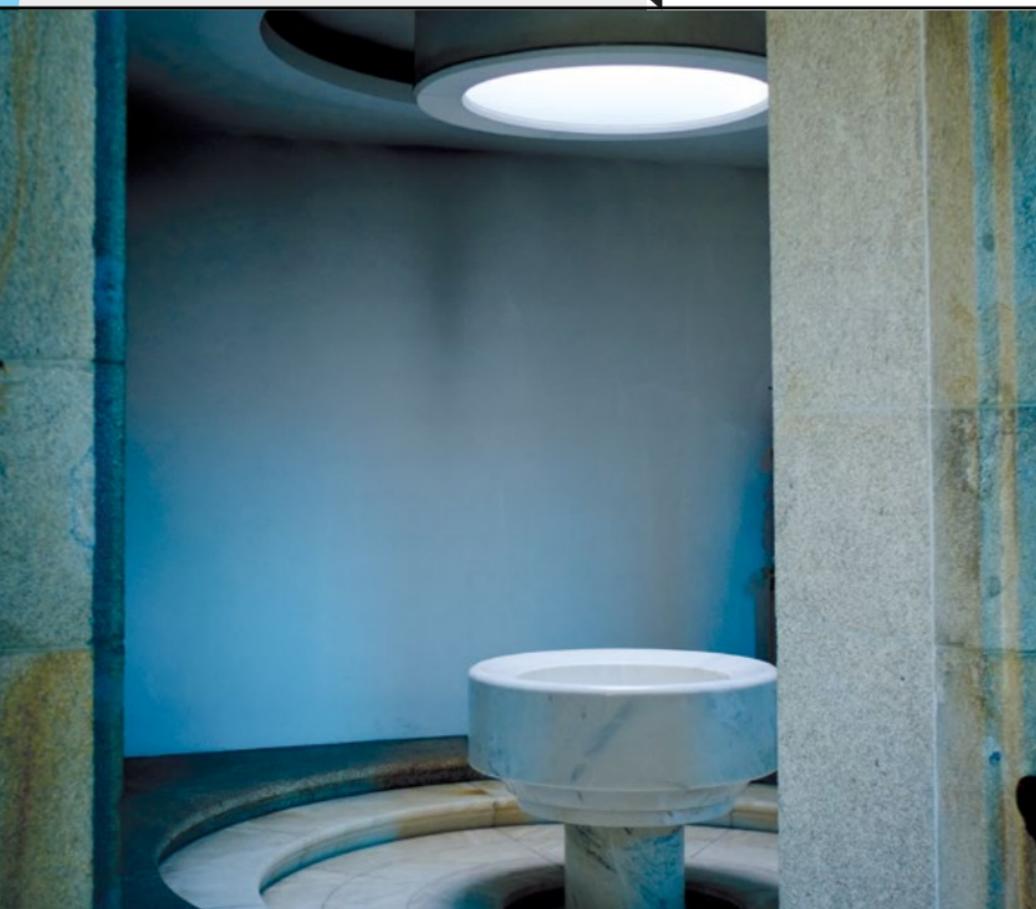
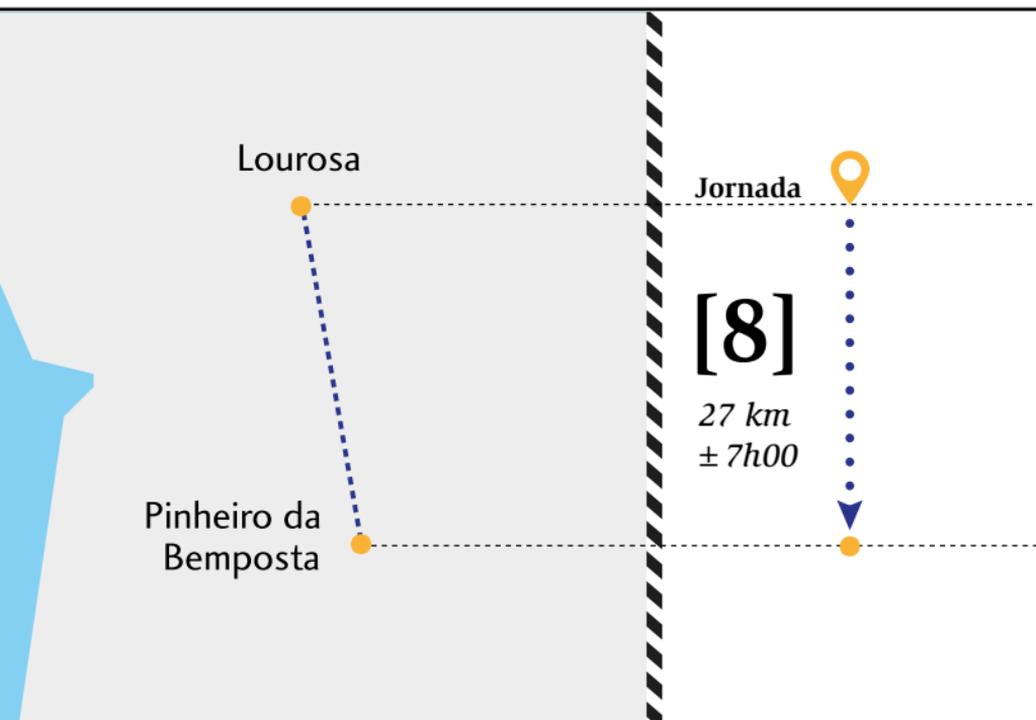
➔ 41°4'14" N 8°35'6" W

comprida Rua do Ermo. Junto da **Capela de Santa Rita**, cuja fachada e torre estão revestidas de azulejos, entra na Rua da Farrapa e continua por uma sequência de ruas que correspondem a um antigo caminho local, terminando no final da Rua das Costeiras, onde se desvia para Sul.

Em **Olivães**, está em território do **Município de Santa Maria da Feira**. Sempre pelo percurso indicado, ao longo de pequenas ruas locais, vai atravessar diversas **zonas das freguesias de Nogueira de Regedoura**, de **Mozelos** e de **Lourosa**.

Tenha particular atenção em pequenos troços próximos das grandes vias de circulação. Junto da Rotunda com a N316, entre numa zona arborizada, onde o Caminho segue pela Rua da Estrada Romana, cuja designação evoca a memória da antiga via romana. Continue, sempre no mesmo sentido, pela Estrada Real.

Está na cidade de **Lourosa**. Siga até à Rua da Feira dos Dez, onde a **Capela de S. Miguel e Santa Luzia** marca o final desta jornada. Também conhecida como **Capela da Feira dos Dez**, é uma pequena igreja com uma torre altaneira na fachada principal.



➔ 40°54'41" N 8°29'51" W

## Jornada 8 | TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

### Lourosa » Pinheiro da Bemposta

A oitava jornada do Caminho **começa em Lourosa**, junto da Capela da Feira dos Dez (Capela de S. Miguel e Santa Luzia) e **termina em Pinheiro da Bemposta**, junto da Igreja Paroquial (Rua Padre José Mário de Sousa). Tem 27 km de extensão, que podem ser percorridos em cerca de 7h. Trata-se de um percurso pouco acidentado, com altitudes a variar entre 5 e 308 metros, com grau de **dificuldade de nível médio**. Inscreve-se num **contexto diversificado**, com predominância de áreas rurais e algumas cidades. Apesar de ser um percurso extenso, tem todas as condições para favorecer uma **caminhada aprazível** e propícia a um ambiente de peregrinação.

Durante esta jornada, o Caminho passa por território dos Municípios de Santa Maria da Feira, de S. João da Madeira e de Oliveira de Azeméis, uma zona que, desde épocas remotas, faz a **transição entre litoral e interior**. O **clima é ameno** e a Natureza apresenta um cenário formado por **pequenas encostas** debruçadas sobre os **vales** e por campos irrigados por **rios e ribeiras**.

Ao longo de todo o percurso, mas sobretudo no centro das povoações, encontra logística de apoio para peregrinos e caminhantes. O **Património Cultural** preserva heranças do passado e valoriza cosmopolitismo e criação contemporânea. **Tradição e inovação** coexistem e relacionam-se, mostrando-nos a cultura de cada um dos lugares, com os seus monumentos, museus, centros de arte, festivais, festas e romarias.

Comece o seu dia em **Lourosa**, seguindo pela Rua da Feira dos Dez. Continue pela **Estrada Real**, que, em muitos lugares, se sobrepôs à antiga **Estrada Romana** e siga por arruamentos locais. O contexto é arborizado e tranquilo, mas caminhe com atenção e segurança, sobretudo nos troços contíguos a vias mistas, com circulação pedestre e automóvel.

Na **Meia Légua**, vá pela Rua Dr. Domingos da Silva Coelho, onde seguirá para a Rua da Fonte do Coelho, continuando, durante alguns metros, paralelamente à N1.

Entre na Rua António Nobre e continue pela Rua da Banda de Música. Está na vila de **Arrifana**, ainda no Concelho de Vila da Feira.

Em breve, entra em **S. João da Madeira**, sede do município com o mesmo nome, desde 1926. A cidade, que é atravessada pelo **Rio Ul**, tem uma origem antiga, mas a sua história está profundamente ligada à industrialização dos séculos XIX e XX, quando a indústria da chapelaria e do calçado se instalaram. Por isso, preserva um património cultural multifacetado, com destaque para o interessante **património industrial** relacionado com esta época, que poderá conhecer ao longo do percurso. Na Rua da Fundação, observe o edifício da **Oliva Creative Factory**, uma antiga fábrica, que funciona atualmente como espaço cultural e artístico. Pouco depois, o **Museu da Chapelaria** é um dos raros museus do mundo dedicados à temática da produção de chapéus e da sua influência no traje e na moda. Também existem na cidade alguns parques e jardins acolhedores. Mas, pode retemperar forças ao visitar a **Capela de Nossa Senhora dos Milagres**, um templo de invocação mariana situado

➔ 40°54'42" N 8°29'50" W



➔ 40°51'28" N 8°29'43" W



no Parque com o mesmo nome, a cerca de 100 metros do Caminho.

Saia da cidade e prossiga o seu Caminho, rodeado por uma paisagem onde coexistem arruamentos urbanos, espaços arborizados e pequenos campos cultivados. No território do antigo **Couto de Cucujães**, já no Município de Oliveira de Azeméis, o Caminho passa pela antiga **Ponte Romana** que ligava Cucujães a Pica.

Continue até **Santiago de Riba-Ul**, uma antiga povoação ribeirinha que se formou nas margens do Rio Ul, um afluente do Rio Antuã.

Em breve, chegará a **Oliveira de Azeméis**, uma cidade com património histórico e contemporâneo. No centro, poderá conhecer o edifício bancário que é uma **obra de referência do arquiteto Álvaro Siza Vieira** (n. 1933). Bem perto, a **Casa-Museu Regional** é um espaço museológico dedicado à Etnografia e à História do concelho. Ao longo do percurso urbano surgem edifícios dos séculos XIX e XX que evocam memórias da emigração para o Brasil. A própria Biblioteca Municipal, um edifício recente, tem o nome do célebre escritor **Ferreira de Castro**,

natural de Ossela (aldeia deste Município) e autor de *A Selva*, obra cuja narrativa se reporta ao contexto do ciclo da borracha na Amazónia.

Saindo da cidade pela Rua do Cruzeiro, e depois de ultrapassar antigos arruamentos da periferia urbana, o Caminho entra numa zona agrícola banhada por rios e ribeiros associados ao sistema hídrico do Rio Ul. No território da freguesia de **Macinhata da Seixa**, vai passar pelo **Senhor da Pedra**, antiga ponte romana reconstruída em 1746, com um único vão. Sobre a ponte erguem-se as **almi-nhas**, pequeno monumento com nicho, assinalando um local invocativo nos velhos **Caminhos de Peregrinação**.

O percurso passa por lugares da Freguesia de **Travanca**, um território que, no século XII, pertenceu ao priorado do Mosteiro de Grijó.

Continua até **Pinheiro da Bemposta**, onde a **Igreja Paroquial**, dedicada a S. Paio, é o ponto de chegada desta jornada. Implantada no adro sobre escadório, este templo é um edifício do século XVIII, com elementos decorativos barrocos na fachada e na torre. Entre 1514 e 1885, esta vila foi sede de concelho, realidade que o **Pelourinho** e o edifício dos **antigos Paços do Concelho** bem documentam.

Pinheiro da Bemposta



Agueda

Jornada



[9]

29 km  
± 7h00



➔ 40°47'05.9" N 8°30'09" W

## Jornada 9 | PELOS CAMPOS DO VOUGA Pinheiro da Bemposta ➔ Águeda

A nona etapa do Caminho **começa em Pinheiro da Bemposta**, junto da Igreja Paroquial (Rua Padre José Mário de Sousa) e **termina em Águeda**, junto da Igreja Paroquial (Largo Dr. António de Mello). Tem 29 km de extensão, que podem ser percorridos em 7h, ao longo de um percurso pouco acidentado, com altitudes máximas de 181 metros e um **grau de dificuldade de nível médio**. O percurso é extenso, mas tem boas condições para proporcionar uma **caminhada tranquila e agradável**.

Inserese no contexto territorial do sistema hidrográfico do **Rio Vouga**, onde a água abunda e os campos são verdejantes. O **clima é ameno** e a proximidade de mar traz a refrescante brisa marítima. A **natureza é marcante**, configurando uma paisagem rural, pontuada por pequenos núcleos urbanos, vilas e cidades históricas.

Durante esta jornada, o Caminho passa por território dos municípios Oliveira de Azeméis de Albergaria-a-Velha e de Águeda. O primeiro pertence à Área Metropolitana do Porto e os outros dois fazem parte da Região de Aveiro no **Centro de Portugal**. Ao longo de todo o percurso, encontra logística de apoio para caminhantes e peregrinos.

O Património Cultural é rico em **monumentos, museus, tradições e festividades**. De acordo com os interesses e motivações, pode deter-se para conhecer lugares surpreendentes e participar nas diversas manifestações religiosas e culturais, que se distribuem ao longo do ano. Encontrará sempre comunidades acolhedoras.

O Caminho **sai da Igreja de Pinheiro da Bemposta**, passando por ruas calmas, que atravessam núcleos de povoamento disperso e zonas arborizadas. A toponímia local evoca uma história antiga, cuja memória se encontra viva.

Em território da freguesia de **Branca**, está no Município de Albergaria-a-Velha. Na povoação de **Albergaria-a-Nova**, seguindo por troços de terra batida e pequenos caminhos rurais entre campos irrigados, vai cruzar-se



➔ 40°47'2" N 8°29'15" W

com o característico **edifício do apeadeiro** do Caminho de Ferro do Vouga.

Depois, continua sempre no meio da natureza, rodeado por uma **paisagem verdejante**. Por vezes, existem terrenos com alguma inclinação, mas adequados a uma caminhada serena. Pode ver-se, do lado esquerdo, o **Santuário de Nossa Senhora do Socorro**, com uma pequena ermida rodeada por árvores e implantada sobre a colina com o mesmo nome. Aqui se localiza a **Casa Diocesana de Nossa Senhora do Socorro**, que presta acolhimento a peregrinos.

Em breve, entrará em **Albergaria-a-Velha**, cidade e sede de um município, cuja história remonta ao período Neolítico e à organização dos antigos povoados castrejos da Península Ibérica. A toponímia refere-se à existência de um albergue medieval, para apoio a caminhantes e peregrinos. Logo à entrada, a **igreja Paroquial** é um edifício dos séculos XVII e XVIII, com fachada clássica e torre sineira lateral. No interior, apresenta altares com retábulos de talha barroca. Pouco depois, pode observar os **Paços do Concelho**, com a sua imponente fachada neoclássica.

Sai da cidade por um caminho tradicional, que atravessa campos e zonas florestais, entrando no território

➔ 40°47'8" N 8°29'9" W



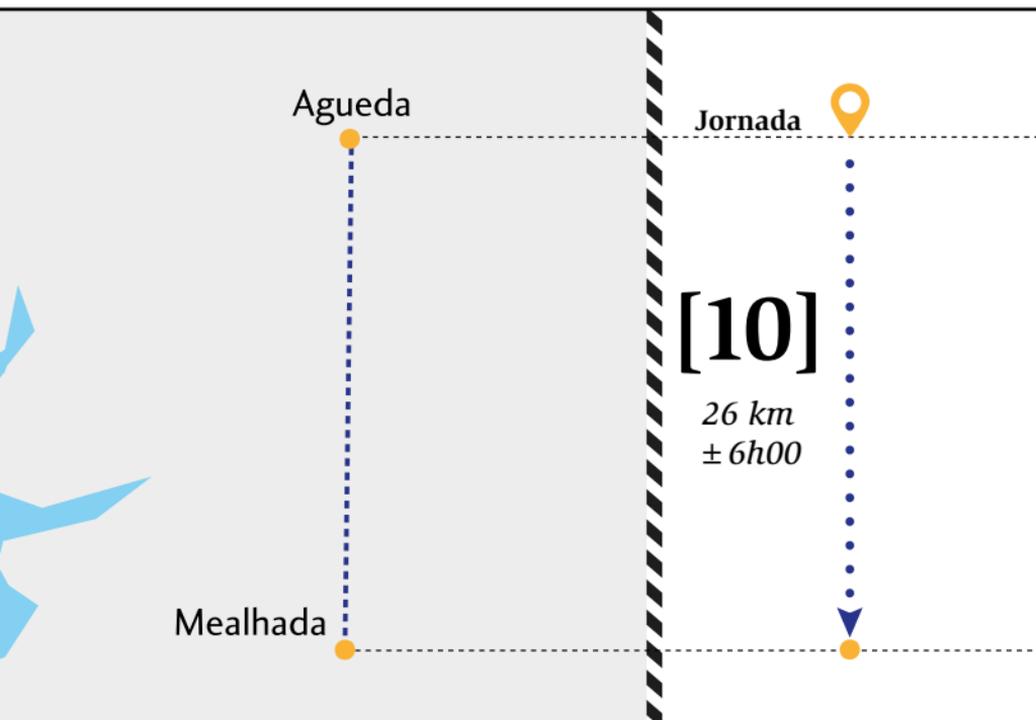


➔ 40°37'58" N 8°28'9" W

do Município de Águeda. Depois de passar por pequenos povoados e depois de atravessar a ponte sobre o **Rio Vouga**, chega a **Lamas do Vouga**, uma antiga aldeia na margem do rio.

Continuando o percurso, em **Mourisca do Vouga**, passará pelo **Museu Etnográfico da Região do Vouga**, um espaço museológico dedicado à história e às tradições locais.

Pouco depois, entrará em Águeda, a cidade debruçada sobre o Rio Vouga. Depois de passar o **Jardim do Cais das Laranjeiras**, o Caminho entra no centro histórico, subindo até à **Igreja Paroquial**, onde termina a jornada. Esta Igreja, da invocação de Santa Eulália, remonta ao século XIV, mas foi remodelada nos séculos XVII e XVIII. Apresenta uma exuberante fachada barroca, com frontão recortado e torre lateral. No interior, são relevantes os altares em talha dourada com esculturas do século XVIII e a pia batismal gótica, do século XIV. Durante a sua estada, pode visitar o **Museu Dionísio Pinheiro**, com os seus belos jardins e uma interessante coleção de pintura e artes decorativas. Dos muitos eventos culturais da cidade, destaca-se o **Umbrella Sky Project**, um festival de arte no espaço urbano, onde os coloridos guarda-chuvas são tema central.



➔ 40°34'20" N 8°27'1" W

## Jornada 10 | NO CORAÇÃO DA BAIRRADA Águeda ➔ Mealhada

A décima etapa do Caminho **começa em Águeda**, junto da Igreja Paroquial (Largo Dr. António de Mello) e **termina em Mealhada**, junto da Igreja Paroquial (Avenida Comendador Messias Batista). Tem 26 km de extensão, que podem ser percorridos em cerca de 6h, ao longo de um percurso pouco acidentado, com altitudes a variar entre os 5 e os 76 metros. É **um percurso fácil**, com um contexto multifacetado, que inclui espaços rurais e áreas urbanas e boas condições para proporcionar uma **caminhada agradável**.

No Centro de Portugal, entre os rios Vouga e Mondego, o Caminho passa por território dos municípios de Águeda, Anadia e Mealhada. A paisagem é marcada por **planícies e pequenas encostas** de vinhas e árvores de fruto e por campos cultivados. Neste cenário de ruralidade, surgem importantes núcleos urbanos, vilas e cidades históricas.

Inserese no contexto territorial da **região vinícola da Bairrada**, onde a diversidade e riqueza dos solos (argilosos, arenosos) e o clima ameno são propícios à adaptação de diversas castas para produção de excelentes vinhos (tintos, brancos e espumantes). Trata-se de uma região demarcada, cuja designação “bairrada” traduz bem as próprias características dos terrenos de argila ou barro, particularmente favoráveis à plantação da vinha.

O **Património Cultural** é rico em monumentos e manifestações culturais. A **cultura dos sabores** tem particular relevância com destaque para o “leitão da Bairrada” e os excelentes vinhos que o acompanham.

O **Caminho sai de Águeda**, descendo até à Praça da República, onde entra na ponte e **atravessa o Vouga**. Continua próximo da margem do rio, junto ao Parque da Cidade. Dirigindo-se sempre para sul, atravessa pequenos bairros da periferia urbana, entrando depois em áreas verdes que alternam com algum casario. Passa por território das freguesias de Recardães, Barró e Aguada



➔ 40°34'20" N 8°26'49" W



➔ 40°29'56" N 8°27'19" W

de Baixo, povoações antigas que se formaram junto de velhas estradas. Por vezes, atravessa pequenos ribeiros, onde a vegetação é abundante.

Entra no território do **Município da Anadia**, na freguesia de **Linhares do Caminho**, onde a presença das caves de vinhos é cada vez mais evidente.

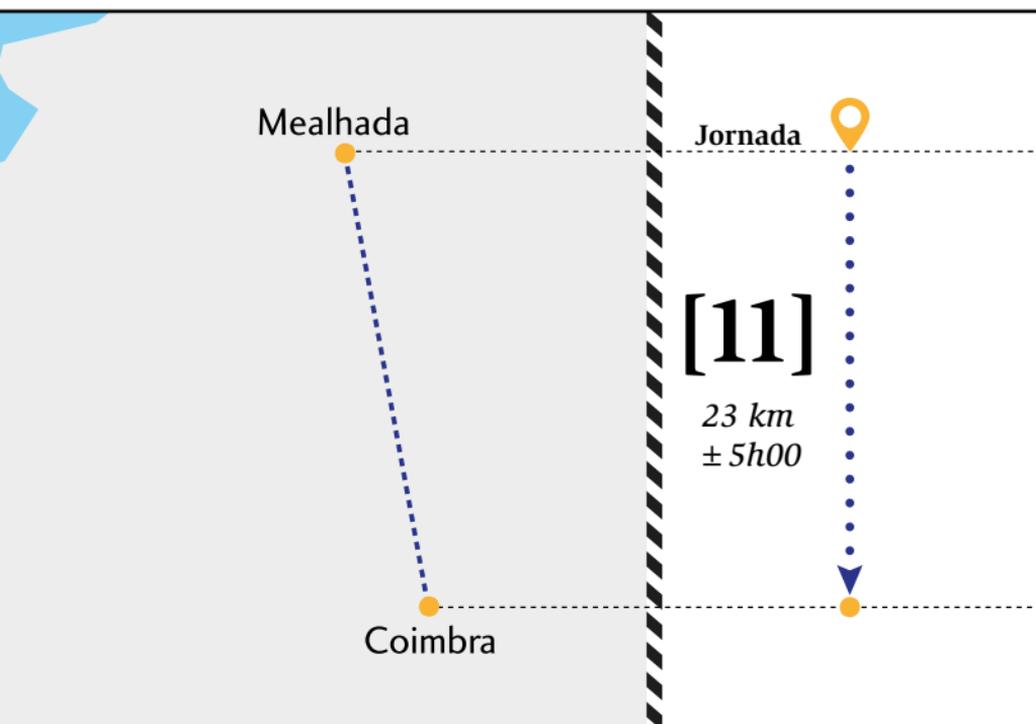
Depois de passar sobre o **Rio da Serra**, chega à cidade de **Anadia**, onde contorna o centro urbano antigo, por percursos amenos e com sombra. Apenas a alguns metros do percurso, pode conhecer o **Museu do Vinho da Bairrada**, dedicado à temática da história e da vida desta região e do seu vinho. Depois de passar junto ao Cine-Teatro e de contornar o Estádio Municipal, segue pela Estrada da Várzea até **Aguim**, uma vila que foi sede de concelho, entre o século XII e o século XIX.

Por meio de campos verdejantes e arborizados e de terrenos agrícolas, continua por estrada antigas, pas-

sando junto de pequenos núcleos urbanos. À medida que avança para a **Mealhada**, sentem-se os aromas da saborosa gastronomia tradicional (o leitão da Bairrada). Ao entrar na cidade, prepare-se para terminar a sua jornada junto da **Igreja Paroquial**, um edifício recente. Em frente, pode observar o **Cine-Teatro**, um interessante edifício de arquitetura do século XX, obra do arquiteto Rodrigues Lima, inaugurada em 1940.

➔ 40°24'43" N 8°26'40" W





➔ 40°21'44" N 8°27'22" W

## Jornada 11 | PLANÍCIAS DO MODEGO

### Mealhada ➔ Coimbra

A décima primeira etapa do Caminho **começa em Mealhada**, junto da Igreja Paroquial (Avenida Comendador Messias Batista) e **termina em Coimbra**, junto da Igreja de Santa Cruz (Praça 8 de Maio). Tem 23 km de extensão, que podem ser percorridos em cerca de 5h, ao longo de um percurso multifacetado, com altitudes a variar entre 5 e 143 metros. Tem um **grau de dificuldade fácil**. O contexto apresenta alguma diversidade, incluindo espaços rurais e áreas urbanas, mas tem as condições para proporcionar uma **caminhada tranquila**.

Inserese no Centro de Portugal, no espaço de transição entre os distritos de Aveiro e de Coimbra, afastando-se progressivamente das zonas com clima de influência marítima para se aproximar mais do interior. Atravessa os Municípios de Mealhada e de Coimbra, onde surgem povoados antigos e paisagens urbanas e naturais marcantes. Este é o território das férteis **planícies do Mondego**, junto ao grande rio e seus afluentes, que são elementos principais na configuração da paisagem.

O **Património Cultural** é valioso e atrativo, caracterizando-se por **antiguidade e autenticidade**, quantidade e diversidade de todos os seus elementos. A simplicidade e a tradição convivem com a monumentalidade e a erudição. Ao longo desta jornada, poderá conhecer mosteiros, igrejas e capelas, mas também museus, jardins e parques, verdadeiras obras de arte onde a beleza nos impressiona.

O **Caminho parte da Mealhada**, junto da Igreja Paroquial. Depois de sair da cidade e de ultrapassar arruamentos da periferia urbana, entra por áreas campestres arborizadas, seguindo, durante algum tempo, junto à margem de um ribeiro. Entra, de seguida, em pequenas estradas municipais, que atravessam aldeias com casario disperso e terrenos cultivados.

Na **Lendiosa**, passa por uma **pequena capela** com janelão sobre o portal e frontão recortado no remate da fachada, encimada por uma cruz. Pouco depois, na **Mala**



➔ 40°21'37" N 8°27'19" W

(povoação da freguesia de Casal Comba), encontra a **Capela de Nossa Senhora das Candeias**, com pequeno adro sobre a rua. A fachada do templo apresenta características do Barroco, nomeadamente no frontão sobre o portal, nas molduras das janelas e no remate da torre lateral.

O percurso continua por caminhos de terra batida. Em território da freguesia de Barcouço, passa pela localidade de **Sargento Mór** (aldeia de Quinta Branca), onde se ergue a pequena **Capela de Nossa Senhora da Conceição**. Continua pela Estrada do Lameirão, que se prolonga pela Rua Chãs e passa em **Adões**.

Pouco depois, está em território do **Município de Coimbra**. Entra em **Trouxemil** pela Rua de Nossa Senhora dos Aflitos. Continua pela Rua da Fonte Grande e pela Rua das Almas, junto ao **Parques de Merendas da Fonte Grande**. Segue pela Rua do Alto das Maias e pela Rua do Calço.

Em **Cioga do Monte**, encontra a **Capela de Santo-António-a-Nova** (Rua de santo António) e, logo de seguida, a **Quinta de Santo António**, um antigo solar onde se insere a **Capela de Santo António-a-Velha** (Rua da Rigueira).

Depois desta aldeia, segue por uma zona aprazível, junto a um ribeiro, anunciando a paisagem verde e húmida, desenhada pelo ecossistema do Rio Mondego. Em **Adémia**, passa junto da **Capela de S. João Batista** (Rua de S. João Batista), um pequeno templo com uma cruz de pedra na fachada.

Atravessa o **Rio Velho** e vai sempre pela margem deste curso de água, ao longo da Rua Parcelar do Campo. Está em **Coimbra**, a cidade que se formou e desenvolveu nas margens do **Rio Mondego**. Depois de contornar a Estação do Caminho de Ferro (Coimbra B), segue junto da **Mata Nacional do Choupal**, onde o Rio Velho desagua no Rio Mondego.

Dirige-se ao Centro da cidade pela Avenida Fernão de Magalhães, continuando por Rua Simões de Castro, Rua do Carmo, Rua da Sofia. Junto ao edifício dos Paços do Concelho, entra na Praça 8 de Maio e segue até **Igreja de Santa Cruz**, onde termina esta jornada.

➔ 40°12'21" N 8°25'56" W





➔ 40°12'39" N 8°25'43" W

A igreja pertence ao **Mosteiro de Santa Cruz**, fundado no século XII para acolher os Cónegos Rerantes de Santo Agostinho. A fachada da igreja tem estrutura românica, correspondente à época da fundação, mas apresenta um grandioso e requintado portal manuelino, obra do século XVI, da autoria do arquiteto Diogo de Castilho e do escultor Nicolau de Chanterenne. O interior da igreja tem elementos manuelinos e renascentistas. Mas, todo o complexo monástico merece visita, incluindo a Sacristia, o Claustros e a Sala do Capítulo.





O valor artístico excecional do monumento é acompanhado pelo valor histórico. Este é um lugar de memória associado a acontecimentos e figuras históricas. Aqui se encontra sepultado, na Capela Mor da Igreja, D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, e aqui viveu e estudou Santo António que nasceu em Lisboa em 1195 e faleceu em Pádua, na Itália, em 1231.

De acordo com motivações e interesses, e conforme as disponibilidades, não deixe de conhecer a cidade, com os seus monumentos, museus, parques e jardins. A **Universidade de Coimbra**, onde se integram diversos edifícios históricos, coleções de arte e património científico, encontra-se classificada como **Património Mundial**. Numa das mais antigas universidades da Europa, não deixe de ver a **Capela**, a **Biblioteca** e o **Museu de Ciência**.

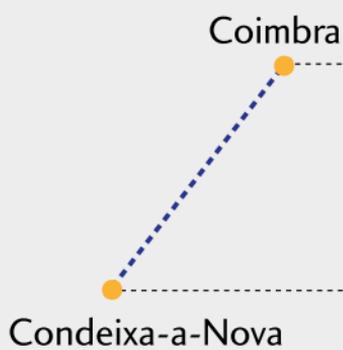


➔ 40°12'32" N 8°25'40" W

Pode, ainda, visitar a **Sé Velha** (um edifício românico do século XII), a **Sé Nova** (igreja construída pelos jesuítas no século XVII) e o **Museu Nacional Machado de Castro** (coleções de arqueologia e arte). Mas, não deixe de percorrer as históricas **ruas medievais** que se desenham na encosta e de sentir o ambiente da **vida académica**, com as suas tradições e vivências. Certamente, ficarão motivações para voltar, como peregrino, ou como visitante.

➔ 40°12'31" N 8°25'37" W





Jornada

[12]

16km  
± 4h00



## Jornada 12 | PELA ROTA CARMELITA

Coimbra » Condeixa a Nova

Em Coimbra, o **Caminho do Norte junta-se à Rota Carmelita**. Este itinerário, concebido pela Agência Castelos e Murallas do Mondego e gerido pela ACF-Associação Caminhos de Fátima, faz parte dos Caminhos de Fátima. Inspira-se na vida e obra da Irmã Lúcia, uma das três crianças videntes de Fátima, que em 1947 ingressou no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra e aqui viveu até à sua morte em 2005.

Assim, a **décima segunda jornada começa em Coimbra**, junto da Igreja de Santa Cruz (Praça 8 de Maio) e, poucos metros depois, na Praça da Portagem, passa a seguir o percurso da Rota Carmelita. A jornada **termina em Condeixa-a-Nova**, junto da Igreja Matriz (Praça do Município). Tem 16 km de extensão, que podem ser percorridos em cerca 4h, ao longo de um percurso pouco acidentado, com altitude máxima de 180 metros. Tem um **grau de dificuldade média**, com excelentes condições para uma **caminhada aprazível**.

Enquadra-se no Centro, no contexto específico do território do **Baixo Mondego**, um espaço de transição entre litoral e interior. Percorre freguesias dos municípios de Coimbra e de Condeixa-a-Nova, uma zona de **povoamento muito antigo**, onde a paisagem, natural e humanizada, é marcada pela **abundância da água** que alimenta **campos verdejantes e jardins urbanos**.

O **Património Cultural** traduz a preservação da memória histórica, valorizada pelas dinâmicas contemporâneas. Ao longo deste dia, o peregrino caminhante terá momentos únicos para reflexão, conhecimento e fruição, pois o Caminho atravessa núcleos urbanos, passando por **monumentos históricos** (mosteiros, igrejas, capelas, palácios), mas também, por espaços museológicos e centros de arte.

Saindo da Praça 8 de Maio, em frente da **Igreja de Santa Cruz**, ao lado da qual funciona o histórico **Café Santa Cruz** (um dos mais antigos cafés da Europa), o Caminho segue pela Rua Visconde da Luz. Depois de



passar pela **Igreja de Santiago** (um edifício românico), continua pela Rua Ferreira Borges, onde se encontra o **Museu Municipal**, instalado no antigo Edifício Chiado (exemplar da arquitetura do ferro, construída no início do século XX). Esta via pedonal termina no **Largo da Portagem** junto à margem do Rio Mondego. A partir deste local, o Caminho **entra na Rota Carmelita** e segue este percurso, sempre com a **adequada sinalização** dos Caminhos de Fátima.

Atravessa o Rio Mondego, pela **Ponte de Santa Clara**. Neste cenário urbano, junto da margem do rio, passa próximo do **Portugal dos Pequenitos** (caraterístico parque, inaugurado em 1940, obra de Bissaya Barreto, Professor da Universidade de Coimbra e de Cassiano Branco, arquiteto modernista) e de três antigos conventos franciscanos, monumentos de relevante valor histórico e artístico: **Convento de São Francisco** (edifício do século XVII adaptado a espaço cultural), **Mosteiro Santa Clara-a-Velha** (edifício gótico do século XIV, onde se encontra o túmulo da Rainha Santa Isabel) e o **Mosteiro de Santa Clara-a-Nova** (edifício maneirista do século XVII). Contorna os belos **Jardins da Quinta das Lágrimas**, o local que tradição associa à tragédia amorosa entre o Rei D. Pedro I e Inês de Castro.

Prossegue pela **Ladeira do Vale do Inferno**, um espaço verde arborizado, com um **miradouro** e amplas vistas panorâmicas sobre o território envolvente. Continua por ruas curvilíneas. Na **Estrada Antiga de Lisboa**,

passa pela **Capela do Senhor dos Aflitos**, uma típica capelinha barroca de planta hexagonal.

Segue, **sempre em frente**, pela Rua Ladeira da Paula, Estrada da Chapeleira, Estrada da Ponte e Rua Venda do Cego, onde passa junto de um conjunto de armazéns. Continua pela Rua da Mesura, junto ao Colégio da Imaculada e continua pela Rua do Cabo.

Está em **Cernache**, vila do Município de Coimbra, que no século XVI chegou a ser sede de concelho. Na Rua da Igreja, a poucos metros do percurso assinalado, encontra-se a **Igreja Paroquial**, edifício com vestígios medievais na cabeceira e uma fachada clássica com portal renascentista e torre lateral.

No final da Rua Alvaro Anes, passa junto da **Capela de S. Lourenço** e continua pela Rua do Cubo e pela Rua da Cruz. Depois de passar na via superior sobre autoestrada, vai pela Rua da Escola, continuando pela Rua de S. Tomé, Largo da Pela e Rua da Ribeira. Continua por ruas cada vez mais arborizadas, com topónimos que registam vivências do antigo contexto rural (Rua das Almoinhas e Rua de Baixo).



Já em **Condeixa a Nova**, segue por um cenário verdejante e aprazível, ao longo da Rua da Capela, Rua da Calçada, Rua Monsenhor Manuel Paulo, Rua Francisco de Lemos e chega ao centro urbano. A história da vila está relacionada com a sua localização em **terrenos férteis** e com grande **abundância de água**, junto de **antigas vias de comunicação**. No século XII, as Terras de Condeixa pertenciam ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Ganhou preponderância no século XVI, quando o Rei D. Manuel I aqui passou, em peregrinação a Santiago de Compostela, e deu foral à vila em 1514. A **Estrada Real** que ligava Lisboa a Coimbra coincidia, em grande parte, com o histórico **Caminho de Santiago**.

Ao entrar no centro urbano, são visíveis exemplares arquitetónicos de valor histórico e artístico, mas também **jardins** aprazíveis. Na Praça da República, local onde se assinala o **termo desta jornada**, ergue-se a **Igreja Matriz** (dedicada a Santa Cristina), um edifício com raízes quinhentistas, que preserva a pia batismal manuelina e alguns altares com retábulos maneiristas da escola coimbrã. O templo foi ampliado no século XVIII, com torre sineira e fachada barroca.

Pode aproveitar o resto do dia para descansar e para percorrer, calmamente, as ruas de Condeixa, observando **casas solarengas** que testemunham a importância da burguesia e da aristocracia na história desta vila. São notáveis, pela sua escala e labor artístico, o **Palácio dos Figueiredos** (Largo Artur Barreto / Praça do Município), exemplar de arquitetura maneirista dos séculos XVI e XVII e o **Palácio dos Sotto Mayor** (Rua D. Francisco de Lemos), com a sua exuberante fachada barroca.

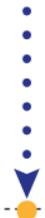
Não deixe de conhecer outros aspetos do **património cultural** desta vila, com destaque para a **Casa-Museu Fernando Namora** (local onde, em 1919, nasceu o escritor) e o **PO.RO.S / Portugal Romano em Sicó**, um museu e centro de interpretação dedicado à história da romanização nas Terras de Sicó, cuja visita serve de preparação para a temática dominante da próxima jornada.

Condeixa-a-Nova



Rabaçal

Jornada

**[13]**13km  
± 3h30

➔ 40°9'25" N 8°26'52" W

## Jornada 13 | MEMÓRIAS DA ROMANIZAÇÃO Condeixa-a-Nova ➔ Rabaçal

A décima terceira jornada do Caminho **começa em Condeixa-a-Nova**, junto da Igreja Matriz (Praça do Município) e **termina na aldeia de Rabaçal**, junto da Igreja Matriz (Rua da Igreja). É uma **jornada curta e serena**, propícia a um ambiente de peregrinação e espiritualidade. Tem 13 km de extensão, que podem ser percorridos em 3h30m. Com uma topografia pouco acidentada e altitude máxima de 180 m, é um **percurso fácil**, onde abundam caminhos pedonais.

Inserese nos Municípios de Condeixa-a-Nova e de Penela, no contexto ambiental do **Vale do Rabaçal** e do Canhão do **Rio de Mouros**, associados ao maciço calcário da **Serra de Sicó**, onde a natureza é marcante. Nas pequenas encostas e nos vales, predominam espécies de tipo mediterrâneo, com destaque para o carvalho, o castanheiro, a azinheira e o sobreiro. Nas zonas férteis e irrigadas, o cenário é caracterizado por **núcleos de povoamento muito antigo**, associados à cultura castreja e, sobretudo, à romanização da faixa ocidental da península ibérica.

Muitos são os motivos que suscitam a atenção de quem peregrina por estas terras, onde **natureza, cultura e vida** são indissociáveis. O Património cultural é rico em monumentos e tradições, com destaque para os testemunhos da **herança clássicas da romanização**, que remontam aos primeiros séculos da nossa era. Podemos conhecer a história, mas também a arte e a técnica deste **património de valor excepcional**, em sítios arqueológicos, museus e núcleos expositivos que se erguem ao longo do percurso. Encontraremos, sempre, populações acolhedoras e poderemos saborear uma gastronomia autêntica.

O Caminho sai de Condeixa-a-Nova pela Estrada Municipal e, a uma curta distância, chega a **Condeixa-a-Velha**. Passa muito próximo da **Igreja Matriz** (Rua da Igreja), notável pela grande torre sineira na fachada.



➔ 40°5'57" N 8°29'35" W

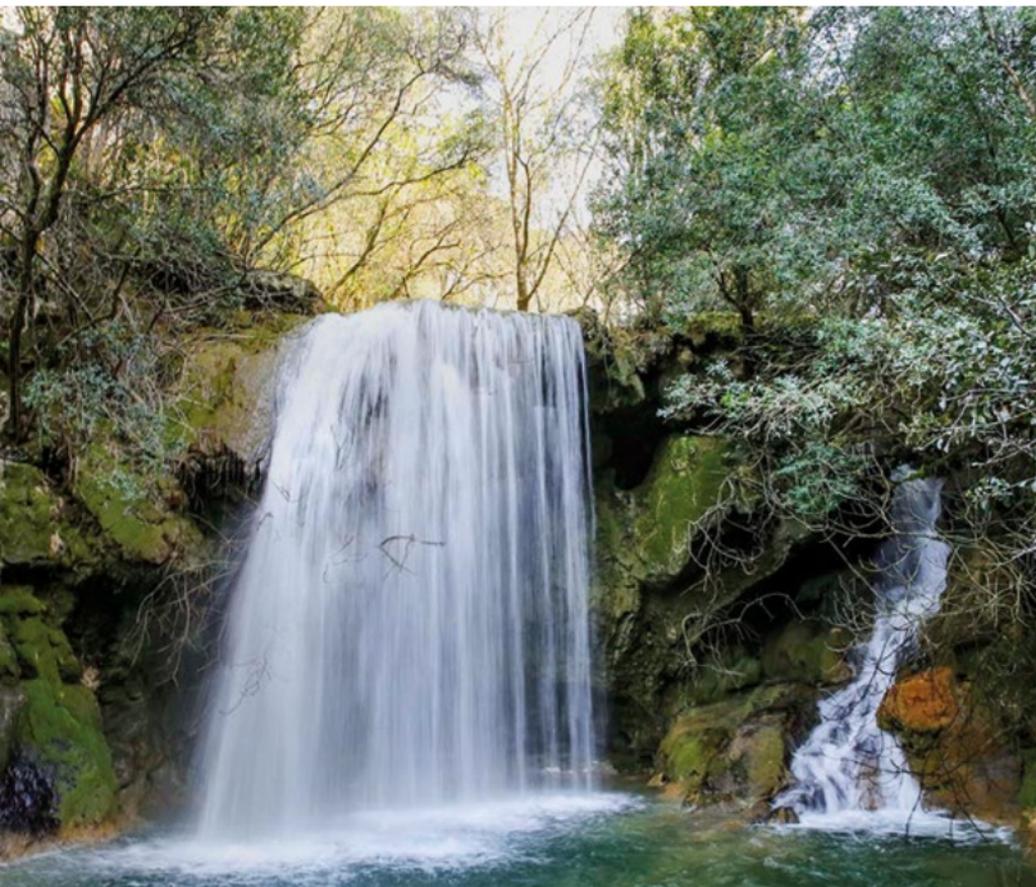
Aqui, o destaque vai para o sítio arqueológico das **ruínas romanas de Conímbriga** onde se situam os vestígios da cidade romana, um antigo castro romanizado que se transformou numa das mais importantes cidades romanas da Península Ibérica, junto da grande via que ligava Olisipo (Lisboa) e Bracara Augusta (Braga). No sítio arqueológico, o visitante pode apreciar a estrutura urbana e as diversas construções, com destaque para as casas de habitação, os pavimentos em mosaico com decoração geométrica e figurativa, partes do aqueduto e troços das muralhas. O **Museu** apresenta um vasto acervo proveniente dos trabalhos arqueológicos.

➔ 40°5'58" N 8°29'37" W



A partir de Condeixa-a-Velha, segue por um **caminho de terra batida**, ao longo do Vale do Rio Ega, um afluente do Rio Mondego, mais conhecido como **Rio dos Mouros**. No final do inverno e no início da primavera, o caudal do rio é abundante e forma-se uma cascata. A natureza é sublime e a quietude é revigorante. O percurso vai pela encosta, a baixa altitude e desce ao vale, cada vez mais próximo da margem direita do rio.

Pouco depois do sítio do **Poço**, à sua esquerda, pode observar-se a **Ponte Filipina**, uma construção do século XVII. A curta distância, o pequeno povoado da **Fonte Coberta** deve o seu nome à antiga fonte que abastecia peregrinos e viajantes. Está no território da freguesia de **Zambujal**, onde a agricultura e o pastoreio são atividades tradicionais. Pouco depois, surge o centro urbano desta aldeia, formado por um conjunto de ruas estreitas e casas antigas, que preservam o modo de construção tradicional.





O Caminho continua pelos campos, muitas vezes rodeado de matos e olivais, em território do **Município de Penela**. Desviando por um pequeno troço da Estrada Municipal 563, chega ao **Rabaçal**, uma aldeia e sede de freguesia que se formou no **cruzamento de antigas estrada romana**. A designação toponímia deriva da abundância de “rabaça”, nome popular dado a uma espécie de agrião selvagem que surge espontaneamente nas margens das ribeiras. A jornada termina junto da **Igreja Paroquial** (Rua da Igreja), um edifício do século XVIII, com fachada clássica e torre lateral.

Nesta povoação, o peregrino encontra uma comunidade acolhedora e tem toda a logística necessária, a nível de alojamento e alimentação. Não deixará de saborear o célebre **queijo Rabaçal**, fabricado com leite dos rebanhos de ovelhas e de cabras desta região. Para conhecer melhor a história e a cultura local, tem à sua disposição o **Espaço-Museu da Vila Romana do Rabaçal**, museu polinucleado e centro de interpretação da presença romana nesta zona, que inclui materiais provenientes de sítios arqueológicos, como uma grande propriedade agrícola (*villa rustica*) dos séculos IV e V.



Rabaçal



Ansião

Jornada

**[14]***19,5km  
± 5h30*

## Jornada 14 | POVOADOS DA SERRA DE SICÓ Rabaçal ➔ Ansião

A décima quarta jornada do Caminho **começa na aldeia de Rabaçal**, junto da Igreja Matriz (Rua da Igreja) e **termina na vila de Ansião**, junto da Igreja Paroquial (Rua Conselheiro António José da Silva). Tem 19,5 km de extensão, que podem ser percorridos em **5h30m**. Esta parte do Caminho insere-se numa topografia variada, com altitudes que podem atingir os 300m, pelo que é classificado como uma **etapa difícil**. É um percurso adequado a uma **caminhada serena**, num ambiente de profunda relação entre natureza e vida, propício à reflexão, no sentido de uma verdadeira espiritualidade.

Passa pelos Municípios de Penela e de Ansião, ao longo do extenso Vale do Rabaçal, atravessando característicos povoados da **Serra de Sicó**, no seio de uma **sublime paisagem** cársica. Aqui, a natureza moldou a própria história. O cenário é marcado pela imensidão dos espaços naturais, onde emergem **pequenas aldeias** com terrenos destinados à **agricultura** de sequeiro e zonas de **pastorícia** para os tradicionais rebanhos de ovelhas e de cabras.

Neste contexto, o **Património Natural** está associado às condições e à morfologia da paisagem, com as antigas plantações de **vinhas e olivais** nos terrenos planos dos vales e as características **formações rochosas** na serra. O **Património Cultural** é notável, pela antiguidade e valor de **sítios arqueológicos e núcleos históricos**, mas também pelos aspetos etnográficos. Relevante é, ainda, o **Património Imaterial**, associado à **cultura dos sabores**, com destaque para os vinhos, os doces e o famoso queijo do Rabaçal, que mantem o modo de produção ancestral e as características tradicionais.

O Caminho sai de Rabaçal, seguindo entre campos e bosques, incluindo alguns troços de terra batida. Pode avistar, ao longe, em lugar altaneiro, o **Castelo de Germanelo**. Fica no sítio de um antigo castro romanizado e foi mandado construir por D. Afonso Henriques em

1139 para integrar a linha de defesa do Mondego no período da reconquista cristã

Pouco depois, já em território do **Município de Ansião**, passa junto de **Ribeira de Alcamouque**, uma pequena aldeia com uma capelinha tradicional com alpendre na fachada. O nome desta povoação tem origem árabe e significa castelo. A partir deste lugar, o percurso é sempre rodeado pela natureza e com algumas vistas panorâmicas sobre toda a área envolvente.

Pare em **Alvorge**, aldeia sobre uma pequena colina, com casario tradicional, que na Idade Média foi uma Vigaria da Universidade de Coimbra. Alguns monumentos históricos demonstram a antiguidade desta povoação, como a **Igreja Matriz**, da invocação de Nossa Senhora da Conceição (edifício do século XVII com altar mor de talha barroca), o edifício da **Misericórdia** (com capela lateral) e o característico **Cruzeiro** de pedra.

Está **no coração da Serra de Sicó**, numa zona de média e baixa altitude, onde o coberto vegetal é marcado por vegetação de tipo mediterrâneo. Caminhando por este cenário, onde se exprimem **cores e aromas da**



**natureza**, encontra pequenas povoações, implantadas nas colinas amenas e nas encostas abrigadas, cujos nomes estão associados a ruralidade ancestral. À entrada das aldeias ou nos caminhos envolventes, erguem-se **capelinhas tradicionais**, muitas delas com alpendres, frescos e protegidos da chuva e do vento, para descanso dos peregrinos.

Depois da **Junqueira**, vai encontrar **Casais da Granja** com a sua Capela de Santo António. Em **Netos**, passa pela Capela de S. José. Junto a **Areosa**, a alguns metros de distância do Caminho, em Constantina, pode visitar a **Capela de Nossa Senhora da Paz**, um pequeno templo mariano do século XVII, notável pelo grande alpendre na fachada, pela decoração interior dos altares em talha barroca e pela pintura do teto da Capela Mor.

Ao aproximar-se de **Ansião**, depois de passar junto da **Capela de S. Pedro**, atravessa o **Rio Nabão** pela antiga **Ponte da Cal** (construída no século XVII). **Em 1669, por aqui passou Cosme de Medicis**, Grão-Duque da Toscana, quando visitou Portugal, tal como ficou documentado no relato oficial do cronista Lorenzo Magalotti e em dois desenhos do pintor Florentino Pier Maria Baldi (um sobre Ansião e outro sobre a Fonte Coberta) que se preservam no Arquivo histórico da Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença.

A jornada termina no centro da vila, junto da **Igreja Matriz** de Nossa Senhora da Conceição, um edifício com fachada simples, torre lateral e interior de três naves com elementos decorativos do período barroco. Bem perto, pode observar a **Capela da Misericórdia** com um magnífico portal barroco e o **Pelourinho** do século XVII. Aproveite para saborear a gastronomia local, famosa pela doçaria tradicional.

Ansião



Bofinho

Jornada

**[15]***13,5km  
± 3h00*

## Jornada 15 | À SOMBRA DOS CARVALHAIS Ansião ➔ Bofinho

A décima quinta jornada do Caminho **começa em Ansião**, junto da Igreja Paroquial (Rua da Igreja) e **termina na aldeia de Bofinho** (freguesia de Pelmá), junto da Capela de Santo António (cruzamento da Rua da Fonte com a Rua da Capela). É uma **jornada curta**, com 13,5 km de extensão, que podem ser percorridos em 3h, ao longo de um percurso misto, formado por estradas locais e caminhos pedonais. Com uma topografia variada e altitude máxima de 350 m, apresenta grau de **dificuldade média**.



Atravessa território dos Municípios de Ansião e de Alvaiázere, no contexto envolvente da **Serra de Alvaiázere**, a maior elevação do Maciço Cársico de Sicó. A paisagem é característica dos ambientes calcários, com águas subterrâneas, pequenas elevações de vistas panorâmicas, encostas protegidas dos ventos e planícies nas terras baixas. Neste cenário, predominam casais e quintas, **povoados rurais multiseculares** e pequenos núcleos urbanos. A **natureza é vibrante**, tanto pela beleza que oferece como pelo valor da fauna e da flora.

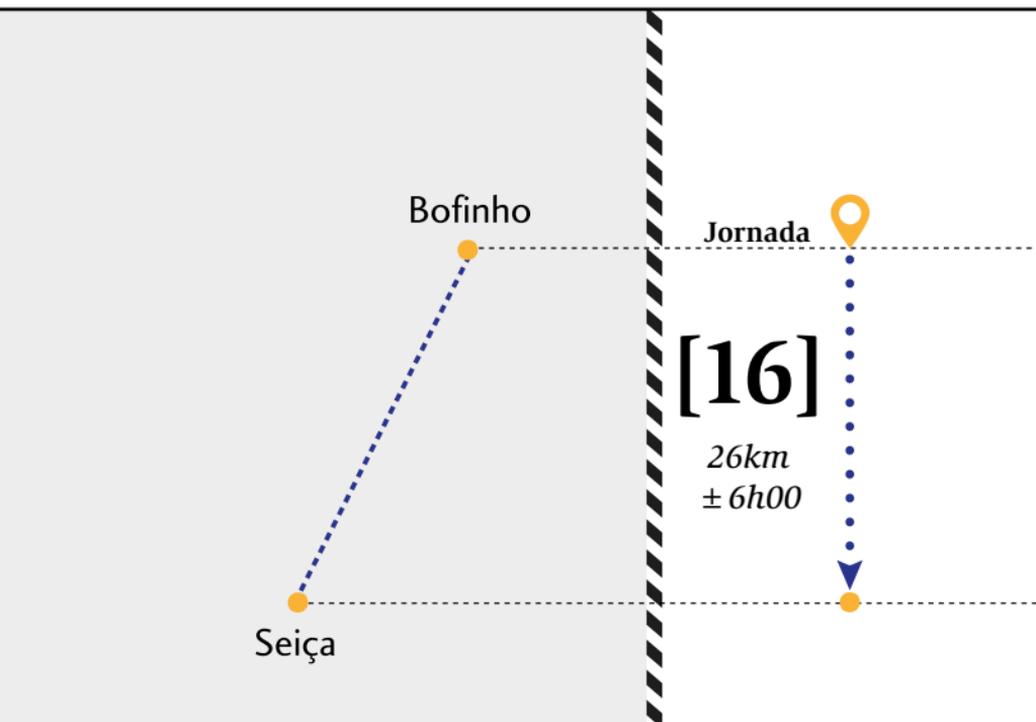
Ao longo deste dia, pode usufruir plenamente das condições da natureza e conhecer as características de cada lugar, observando e sentindo a vida. Esteja atento à **diversidade da paisagem**. No início, não deixe de parar no **Parque Ecológico**, onde se preserva a maior mancha ibérica de **carvalho cerquinho** (também designado carvalho português) e onde florescem espécies de **orquídeas selvagens** protegidas. Já no final da caminhada, detenha-se na travessia do **Rio Nabão**, outro elemento relevante do património natural.



Neste território, também o **Património Cultural** está profundamente associado à natureza e exprime a relação entre religiosidade, história e vida. O caminhante passará por **igrejas, pequenas capelas e construções tradicionais**. Poderá saborear as especialidades da **gastro-nomia** local, onde o azeite e as ervas do campo são essenciais. Ficarà a conhecer a terra e vida das comunidades que preservam e valorizam a memória e com ela constroem o futuro.

Depois de sair da área urbana de Ansião, o Caminho entra numa zona montanhosa e densamente arborizada. Em **Casal Soeiro**, na base da serra, encontra uma pequena aldeia da Serra de Alvaiázere. Prossegue por caminhos de terra batida, passando por **Venda do Negro**. Continua pelo grande **Parque Ecológico Intermunicipal** de Algarinho – Gramantina – Ariques, uma área paisagística protegida que integra a maior mancha ibérica de carvalho cerquinho (*quercus fraginea*). Neste cenário, com a paisagem natural a dominar, passa pela pequena **Capela de Santiago de Ariques** e continua por **Vale da Couda**.

A jornada termina na freguesia de Pelmá, em **Bofinho**, junto da **Capela de Santo António** (Rua da Capela). Aqui vai poder retemperar forças e sentir o ambiente genuíno desta aldeia da Serra de Sicó.



## Jornada 16 | TRADIÇÃO E BIODIVERSIDADE

### Bofinho → Seiça

A décima sexta jornada do Caminho **começa na aldeia de Bofinho** (freguesia de Pelmá), junto da Capela de Santo António (cruzamento da Rua da Fonte com a Rua da Capela) e **termina em Seiça**, junto da igreja Matriz (Rua da Igreja). Tem 26 km de extensão, que podem ser percorridos em cerca de 6h, ao longo de um percurso misto, formado por estradas locais e caminhos pedonais. Com uma topografia acidentada e altitudes próximas dos 200 m, o percurso tem um grau de **dificuldade elevado**.

Percorre território dos Municípios Alvaiázere e de Ourém, no **espaço geográfico de transição** entre o Maciço da Serra de Sicó e o Maciço Calcário Estremenho das Serras de Aire e Candeeiros. Em pequenas elevações, planaltos e vales irrigados, desenvolve-se a agricultura. O **Rio Nabão** está ainda presente na parte inicial da jornada. Num cenário paisagístico, onde a **biodiversidade** é marcante, surgem os **antigos olivais** e as **vinhas multiseculares**. Ao longo deste dia, o Caminho passa por **pequenas aldeias** de cariz rural, mas também por **algumas vilas**, onde se destacam ambientes de urbanidade.

O **Património Cultural** é rico e multifacetado. Exprime a relação com a vida e o **valor da tradição**. O peregrino caminhante pode conhecer **igrejas e capelas** de grande valor histórico e artístico, mas, também, **casas** rurais, **quintas** e **lagares** e, até, construções simples como as pitorescas **fontes** e bicas, os velhos **moinhos de vento** das colinas e as pequenas **azenhas** das ribeiras. Pode também saborear os **saborosos produtos da terra**, como o pão de milho e o queijo de cabra.

A **saída de Bofinho faz-se por um caminho de terra batida** e embrenha-se no seio da natureza, em direção ao **Olho do Tordo**. Esta designação refere-se ao local, onde as águas retidas em solos calcários, dão origem a uma ribeira com caudal abundante. Ao longo das margens, pode encontrar os velhos moinhos de água.

Continua, sempre rodeado por **carvalhais e olivais**, num cenário típico do maciço cársico, onde se destacam alguns **campos de lapiás** (formações rochosas calcárias). Neste ambiente de **biodiversidade**, a flora caracteriza-se pela abundância de espécies autóctones como as **orquídeas selvagens** e de **plantas aromáticas** (alecrim, tomilho, a salva brava e carqueja). A **fauna** tem grande variedade de animais, nomeadamente, aves (tordo e perdiz vermelha), coelhos, lebres, javalis, raposas e os célebres morcegos-de-peluque que habitam nas cavidades das rochas.

À medida que se aproxima dos **povoados das várzeas** baixas, onde a água abunda, junto da margem esquerda do Rio Nabão, ficam as courelas (pequenas parcelas de terreno), destinados à agricultura tradicional (milho, trigo, batata, legumes). São particularmente visíveis nos arredores da aldeia de **Pelmá**.





Atravessa o **Rio Nabão** e entra em **Freixianda**, no território do Município de Ourém. Nesta vila, que se estende pela margem direita do Rio, pode fazer uma pausa. A **Igreja Matriz**, da invocação de Nossa Senhora da Purificação, tem a torre no centro da fachada e interior de três naves. Em frente, ergue-se o cruzeiro. Depois de atravessar o centro urbano, já na **Aventeira**, passa próximo da pequena **Capela de S. Pedro**.

Depois de Casal do Pinheiro, entra novamente numa zona de matas verdejantes, sempre rodeado pela natureza, até chegar a **Rio de Couros**, uma freguesia cuja origem remonta ao século XVIII. Logo à entrada, ergue-se

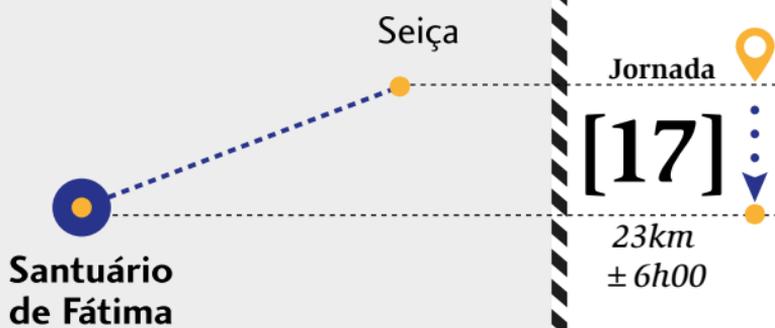
a **Igreja Matriz**, um interessante edifício de arquitetura moderna (1964-1967).

O percurso continua pelos campos, contornando pequenas aldeias e casario disperso da freguesia de Caxarias.

Em breve, chega a **Seiça**, junto da **Igreja Matriz** (Rua da Igreja), onde esta jornada termina. A Igreja, da invocação de Nossa Senhora da Purificação, corresponde a um antigo templo, renovado no século XVII. Tem fachada simples com torre sineira lateral e interior de uma só nave com capela mor, onde se preservam obras de arte mais antigas, com destaque para uma escultura de madeira do século XIV que representa a Virgem a amamentar o menino (Nossa Senhora do Leite).

Esta freguesia, criada em 1517, tem logística de apoio necessária a quem peregrina. A aldeia fica junto da **Ribeira de Seiça**, um afluente do Rio Nabão. Nesta ribeira, sobrevive uma das raras espécies de lampreia-de-riacho (*Lampetra planeri*). Se pretender conhecer a história local, visite a **Casa Museu de Seiça**, um espaço museológico de carácter etnográfico.





## Jornada 17 | EVOcando OUREANA

### Seiça » Santuário de Fátima

A décima sétima jornada do Caminho **começa em Seiça**, junto da igreja Matriz (Rua da Igreja) e **termina no Santuário de Fátima**, junto da Capelinha das Aparições. Tem 23 km de extensão, que podem ser percorridos em cerca de 6h, ao longo de um **percurso misto**, formado por caminhos pedonais, estradas locais e municipais e pequenos troços da estrada nacional. A topografia é muito variada, com predominância de áreas planas e alguns troços em terreno íngreme, com altitude máxima de 350 m. Assim, o último dia é **difícil**, sobretudo porque exige algum esforço físico e, sobretudo, muita atenção na passagem por áreas urbanas densas (travessia da cidade de Ourém e chegada à Cova da Iria na envolvente do Santuário), de modo a garantir a devida segurança.

Esta parte do Caminho enquadra-se na Região Centro, no Município de Ourém, no **território montanhoso, árido e belo da Serra de Aire**. A nível climático paisagístico e ambiental, é uma característica zona de transição entre o Atlântico e o Mediterrâneo. Predominam **serras calcárias e encostas rochosas**, junto das quais emergem **pequenos vales e covas**. Em muitos aspetos, esta é a paisagem e o habitat que os pequenos pastorinhos de Fátima conheceram e viveram. Com a presença de formações geológicas e fósseis que se remetem a milhões de anos, por aqui **natureza e vida são indissociáveis**. A par de uma imagem de **ruralidade** marcante, existem **centros urbanos**, que se desenvolveram em virtude de funções administrativas (Ourem) e religiosas (Fátima).

O **Património Cultural** é valioso e diversificado. Um **castelo** com as suas muralhas, **igrejas, museus**, monumentos são tão importantes como os **lugares de memória** que evocam figuras e acontecimentos, nomeadamente os que se relacionam com as aparições de Fátima. Mas, o **Património Imaterial** exprime valores associado à **relação entre culturas, povos e religiões**, que, desde tempos remotos, a história regista e a tradição preserva e reaviva. A **lenda de Oureana** remete-se à coexistência e **convivência entre cristãos e muçulmanos**,

nos séculos XI e XII, neste que foi um território de **cultura moçárabe**. Relata-nos a história de amor entre o cavaleiro templário e poeta cristão Gonçalo Hermingues e Fátima, a bela muçulmana, filha do emir mouro, que, pelo casamento, tomou o nome cristão de Oureana. Para além das circunstâncias históricas e da construção da lenda, são nomes enraizados na toponímia local de Ourém e Fátima.

Durante esta última jornada, o Caminho inscreve-se totalmente em **território do Município de Ourém**, onde a geografia e a história nos remetem para épocas recuadas. Depois de sair de Seiça, percorre cerca de 1 km da Estrada Nacional e desvia-se para caminhos locais em zonas arborizadas. Contorna a aldeia de **Coroados**. Continua entre bosques e passa em **Vale Travessos**, junto da **Capela de Nossa Senhora do Livramento** (Largo de Nossa Senhora do Livramento) e próximo da Quinta da **Casa Velha** (Rua da Escola), um espaço rural dedicado



à natureza. Pouco depois da passagem superior sobre a IC9, entre na Rua das Achadas e continua pela Rua da Fonte do Carriço, onde o cenário é campestre.

Ao longo da Rua das Passadeiras, começa a entrar progressivamente numa área urbana. Está na cidade de **Ourém**, cujo nome a tradição associa à lenda de **Oureana**, que nos remete para a presença da cultura moçárabe na Serra de Aire, durante os séculos X a XII. A lenda foi transmitida oralmente até ao século XVI, quando Frei Bernardo de Brito, cronista dos Monges de Cister a registou.

Conquistada aos mouros em 1136 com a ajuda dos **Templários** e integrada no Condado Portucalense, **Ourém foi terra senhorial**, doada pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, a sua filha D.<sup>a</sup> Teresa, que veio a tornar-se Condessa de Flandres e, mais tarde, Condessa de Borgonha. Foi D.<sup>a</sup> Teresa quem atribuiu **foral em 1183**. No século XIV, o Rei D. Fernando criou o **Condado de Ourém**, incluindo terras e bens. O Condestável D. Nuno Álvares Pereira foi o terceiro Conde de Ourém. Esta ligação à **Casa de Bragança** ainda hoje se mantém.



A primeira povoação formou-se no lugar altaneiro onde hoje se localiza a **vila medieval**, com **Castelo e Paço** e as poderosas **muralhas** que protegiam moradores. Nesta passagem pela cidade, pode avistar o **conjunto monumental** que se encontra classificado como **monumento nacional**, mas, se o seu interesse o motivar, pode subir a colina e conhecer um dos mais impressionantes conjuntos do património histórico e artístico. Sede do município onde se enquadra o Santuário de Fátima, Ourém está profundamente ligada à memória dos Pastorinhos de Fátima. Logo à entrada da cidade, surge, à direita, o **Cemitério Municipal** (Rua de Nossa Senhora de Fátima), onde o **Memorial Jacinta Marto**, evoca, desde 2008, a pequena pastorinha que ali esteve sepultada antes de o seu túmulo passar para a Basílica de Nossa Senhora do Rosário no Santuário.

No percurso do Caminho, já no centro da urbe, encontra o **Museu Municipal**, um museu polinucleado, do qual faz parte a **Casa do Administrador**, uma habitação tradicional, onde, em 1917, o administrador do concelho interrogou os pastorinhos. Hoje, é um espaço expositivo dedicado a temáticas relacionadas com as vivências dos pastorinhos e ao contexto histórico local. Bem perto (Praça da República), fica a **Igreja Matriz** ou





antiga Colegiada de Nossa Senhora das Misericórdias, um conjunto monumental, onde também se integra o túmulo de D. Afonso, Marquês de Valença e 4.º Conde de Ourem, obra de referência da escultura tumulária do século XV.

Saindo da cidade, o percurso segue por trilhos e caminhos locais, atravessando campos e aldeias. Pode deitar-se no **Zambujal**, onde o Parque de Lazer convida a retemperar forças para algumas subidas que se aproximam. Ao atravessar aldeias como **Vale da Perra** e **Alvejar**, pode encontrar ambiências e vivências tradicionais desta zona da Serra de Aire.

Depois de caminhar, durante algum tempo, num cenário completamente rodeado por arvoredos, encontra a **Igreja Paroquial de Fátima** (Rua do Adro), onde foram batizados os Pastorinhos. É um templo dedicado a Nossa Senhora dos Prazeres, que no século XVI se desmembrou da Colegiada de Ourém e se transformou em sede de paróquia. Rodeada pelo adro, tem a torre sineira incorporada no centro da fachada. No interior, a capela

com a **pia batismal** é um lugar de memória associado aos pastorinhos.

Continua até **Aljustrel**, a antiga aldeia, **onde os Pastorinhos nasceram e viveram**. A alguns metros do percurso, fica a **Casa de Francisco e Jacinta Marto** (Rua dos Pastorinhos), onde os dois irmãos videntes de Fátima viveram com a sua família. É hoje um espaço museológico de tipo etnográfico. Também nesta aldeia, mas em sítios mais afastados, ficam dois locais associados às aparições (Loca do Cabeço e Valinhos).

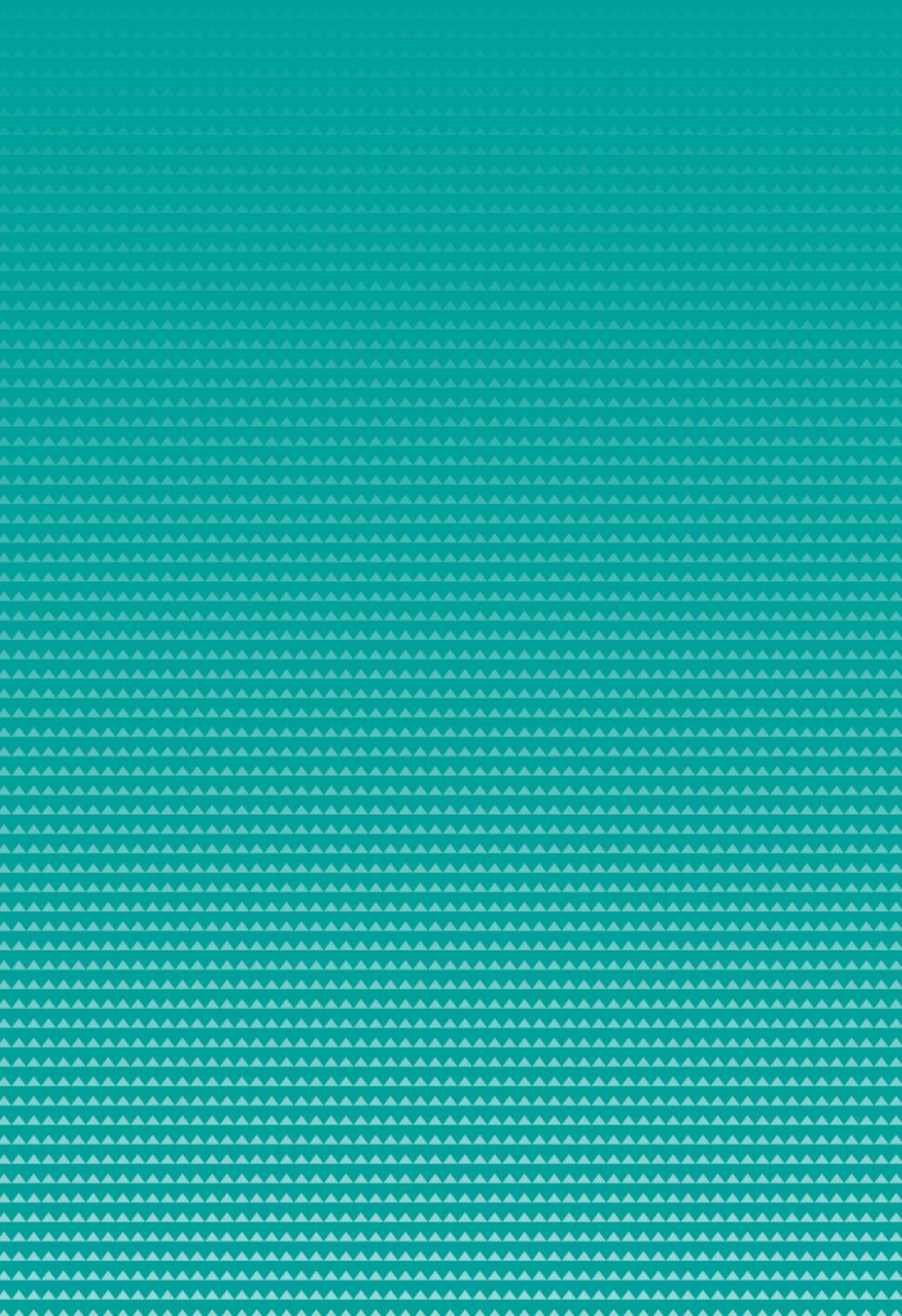
Seguindo pela EN317, aproxima-se da **envolvente do Santuário**. Depois de passar pela Rotunda onde se ergue o **monumento evocativo dos três pastorinhos**, continua pela mesma via, já com áreas pedonais.

Ao chegar à Basílica da Santíssima Trindade, vire à direita e entre no **Santuário de Fátima** e dirija-se à **Capelinha das Aparições**, local onde terminam todos os Caminhos de Fátima.



➔ 39°37'53" N 8°40'23" W

# Santuário de Fátima





## LUGAR DE PEREGRINAÇÃO E ESPAÇO DE ARTE

Os Caminhos e os seus itinerários levam-nos até **Fátima**, em espírito de verdadeira peregrinação. A chegada ao **Santuário** é o momento de encontro com um lugar emblemático, onde religião e arte se entrelaçam.

O Santuário ergue-se no sítio da **Cova da Iria**, local das aparições da Virgem aos três pastorinhos, em 1917. Neste território ermo e povoado por oliveiras e azinheiras, ergueu-se o santuário e desenvolveu-se a cidade de Fátima, cuja história é indissociável da história das aparições e da construção do santuário.

### AZINHEIRA

Em pleno Maciço Calcário, a Cova de Iria tem um clima mais húmido do que a restante serra, mais árida. Foram essas particularidades que permitiram que em Fátima se desenvolvesse uma magnífica moldura vegetal e um coberto arbóreo distinto, um pulmão verde no qual se destacam as Azinheiras.

Estas árvores, altamente resistentes, adaptam-se às modelações do relevo, numa sucessão de depressões que configuram as covas, característica da paisagem do Planalto de São Mamede. As condições edafoclimáticas modelaram a importância científica da espécie botânica, que povoa a paisagem envolvente, onde se erguem estas árvores antiquíssimas, bem enraizadas no solo. Com troncos robustos e amplas copas, matizam a paisagem de cores diversas, ao longo do ano, conferindo uma virtualidade estética inesgotável ao território.

Foi neste ambiente, marcado por uma natureza agreste e bela, e sobre uma destas azinheiras, que os três pastorinhos (Jacinta, Francisco e Lúcia) testemunharam a primeira aparição da Virgem, em 1917. Desta paisagem antiga, preserva-se hoje no recinto do santuário uma grande azinheira, junto da capelinha que foi construída

no local das aparições onde antes se erguia uma pequena azinheira.

Ponto de encontro de peregrinos e visitantes, lugar de fé, o Santuário é também um lugar onde a arte tem espaço próprio e se exprime.

O **Santuário** é configurado por um conjunto monumental constituído pela **Capelinha das Aparições** (construída em 1919), pela **Basílica de Nossa Senhora do Rosário** e pela **Igreja da Santíssima Trindade**.

A **Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima** e a **Igreja da Santíssima Trindade** possuem discursos arquitetónicos e estéticos diferenciados. A sua organização espacial, em dois planos opostos, permite criar o grande recinto de oração onde se reúnem milhões de peregrinos. No ponto visível para toda a multidão de peregrinos, destaca-se a **Capelinha das Aparições**, protegida pela grande galeria coberta, deixando visível um local de oração e de importantes cerimónias religiosas.



**CAPELINHA DAS APARIÇÕES** desempenha o lugar da experiência sagrada e congregadora do Santuário de Fátima.

Construída em 1919, a pedido da Virgem Maria durante uma das aparições às três crianças, aqui foi celebrada a primeira missa em 1921. No ano seguinte, a 6 de março, foi destruída por uma bomba e, logo de imediato, reconstruída. É um edifício muito simples, com uma dimensão plástica e arquitetónica destinada a congregar os fiéis e os peregrinos em torno de um espaço de oração com uma visão dirigida para o ponto focal das aparições.

No centro da capelinha, a Virgem de Fátima assinala o lugar da azinheira das aparições, desaparecida por ter sido levada, ramo a ramo, por fiéis e crentes.

As intervenções arquitetónicas, a partir da década de 1980, incorporam uma estrutura alpendrada que protege a capelinha e todos aqueles que aí se congregam para as cerimónias privadas e públicas de oração e fé.

Arquitetura e Arte estão presentes em todo o **Santuário**, denotando uma relação requintada e sofisticada. Respondem às exigências do lugar, do clima, dos materiais, mas principalmente da atitude espiritual que as diversas artes potenciam e refletem.

A **Basílica de Nossa Senhora do Rosário**, com projeto de Gerardus Samuel van Krieken (1864-1933), iniciou-se com o lançamento da primeira pedra, a 13 de maio de 1928. A sagração do templo ocorreu a 7 de outubro de 1953. A fachada da Basílica é precedida por imponente escadaria que se prolonga numa colunata, da autoria do arquiteto António Lino (1909-1961). Na sua estrutura formal, basílica e colunata abraçam o amplo recinto de oração, num anfiteatro aberto ao mundo, destinado à promoção espiritual e à participação da assembleia.

O conjunto escultórico da colunata (executado a partir de 1953) expressa a criatividade dos escultores Álvaro de Brée (1903-1962), António Duarte (1912-1998), Leopoldo de Almeida (1898-1975), Salvador Barata Feyo (1899-1990),



Domingos Soares Branco (1925-2013), Maria Amélia Carvalheira (1904-1998), Sousa Caldas (1894-1965), Vasco Pereira da Conceição (1914-1992), Irene Vilar (1930-2008), José Manuel Mouta Barradas (1960) e Vítor Godinho Marques (1964). A escultura que representa o **Imaculado Coração de Maria**, colocada no centro da fachada da basílica a 13 de maio de 1958, é uma obra da autoria do escultor e frade dominicano Thomas MacGlynn (1906-1977).

No interior do templo, as obras de arte são igualmente representativas. Maria Amélia Carvalheira (1904-1998) é autora da escultura de São Domingos de Gusmão. Martinho Felix de Brito criou as de Santo António Maria Claret e de São João Eudes e António Amaral Paiva a de Santo Estêvão da Hungria. A representação dos pastorinhos ficou a cargo de dois escultores contemporâneos. José Rodrigues concebeu a de São Francisco Marto e Clara Menéres a de Santa Jacinta Marto.



Os 14 bronzes dourados dos **Mistérios do Rosário**, da autoria de Martinho de Brito, apresentam espontaneidade emocional e coerência da linguagem plástica.

O alto-relevo da abóbada da capela-mor é da responsabilidade de Maximiano Alves (1888-1954), os vitrais dos altares laterais que traduzem a ladainha de Nossa Senhora foram desenvolvidos por João de Sousa Araújo (n. 1929) e os 15 painéis em mosaico são da autoria de Fred Pittino (1906-1991).

No recinto do **Santuário**, ergue-se o **Presépio**, realizado, em 1999, pelo escultor José Aurélio (1938) para este espaço exterior, numa linguagem moderna, plena de simbologias e referências iconográficas. Em chapa de inox, formando uma secção triangular alongada, com 5 metros de altura, configura um anjo com asas levantadas, acolhendo e anunciando o nascimento de Jesus.





A **Igreja da Santíssima Trindade**, inaugurada a 12 de outubro de 2007, abriu um novo diálogo de convergência e de comunidade, convidando à meditação, oração e comunhão. O projeto, da autoria do arquiteto grego Alexandros Tombazis (n. 1939), incorporou contributos artísticos nacionais e internacionais, estabelecendo uma articulação consciente entre arquitetura e arte.

As obras de arte do novo templo foram confiadas a criadores de referência em diversas áreas da produção artística contemporânea. Álvaro Siza-Vieira (n. 1933) pintou o painel de azulejos dedicado aos Apóstolos Pedro e





Paulo, colocado no piso inferior da igreja. Pedro Calapez (n. 1953) criou o pórtico principal. Francisco Providência (n. 1961) desenhou o nome dos Apóstolos a que são dedicadas as portas laterais do templo. O canadiano Joe Kelly gizou a parede frontal de vidro serigrafado em inúmeras línguas. O esloveno Ivan Rupnik criou o mosaico em folha de ouro, a Nova Jerusalém do Apocalipse de São João, que guarnece a parede do Presbitério. A irlandesa Catherine Green concebeu o grande crucifixo de bronze que se suspende sobre o altar. O italiano Benedetto Pietroggrande esculpiu, em mármore de carrara, a imagem de Nossa Senhora, para o Presbitério. No exterior, a Cruz Alta do Santuário de Fátima foi construída pelo alemão Robert Schad e o polaco Czeslaw Dzwigaj realizou a estátua monumental do Papa João Paulo II.



**EDITADO**

Centro Nacional de Cultura

**CONTEÚDOS**

Centro Nacional de Cultura

COORDENAÇÃO

Maria Calado

INVESTIGAÇÃO

Helena Gonçalves Pinto

COLABORAÇÃO

Ana Mendes / Ana Rogado / Diana Roquette / José Belo

**FOTOGRAFIA**

CNC – Enric Vives-Rubio

OUTRAS FOTOGRAFIAS

Joana Vasconcelos

[p. 69]

Câmara Municipal de Barcelos

[pp. 64/65, 66, 70, 71]

ACF – Associação Caminhos de Fátima  
/ Castelos e Muralhas do Mondego

[pp. 166, 169, 182, 184, 186/187, 188, 194/195, 198, 200, 202/203, 206,  
211, 212, 214, 216, 221, 224/225, 226, 228/229]

**DESIGN GRÁFICO**

José Brandão | Susana Brito [B2 DESIGN]

**IMPRESSÃO**

Multitipo-Artes Gráficas Lda

CENTRO NACIONAL DE CULTURA CNC ©2023

**DEPÓSITO LEGAL**

459 606/19

**ISBN**

978-972-8945-10-7

DEZEMBRO 2023

**APOIO**

Financiado por

TURISMO DE

PORTUGAL



**INFORMAÇÕES**

**CENTRO NACIONAL DE CULTURA**

cnc.pt

caminhosdefatima.org

**TURISMO DE PORTUGAL**

visitportugal.com

pathsoffaith.com

**SANTUÁRIO DE FÁTIMA**

peregrinos@fatima.pt

NÚMERO DE EMERGÊNCIA

**112**

**CONTRACAPA**

*Caminho da Manhã*

**SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN**

Poeta

*versão portuguesa*

in Livro Sexto, 1962





Vais pela estrada que é de terra amarela e quase sem nenhuma sombra. As cigarras cantarão o silêncio de bronze. À tua direita irá primeiro um muro caiado que desenha a curva da estrada. (...) E assim irás sempre em frente com a pesada mão do Sol pousada nos teus ombros, mas conduzida por uma luz levíssima e fresca. (...)

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, *Caminho da Manhã*, 1962